

Resultados e discussão

A partir da análise dos depoimentos obtidos nas entrevistas, foram selecionados alguns argumentos recorrentes, que surgiram com maior frequência em cada eixo temático, formando as “categorias de análise”, que apresentaremos a seguir. Antes, porém, acreditamos ser interessante comentar algumas informações das mulheres entrevistadas.

Os sujeitos da pesquisa

Utilizando-se dados coletados pelas entrevistadas, fez-se um cálculo no intuito de sabermos a idade com que cada uma se casou. É interessante notar que seis das entrevistadas casaram-se com menos de vinte e três anos, enquanto o casamento das quatro restantes foram realizados na faixa etária entre vinte e cinco até trinta e dois anos. O primeiro grupo é composto de mulheres cujas idades variam entre 57 e 65 anos, enquanto que o segundo engloba as entrevistadas entre 50 e 57 anos. Isso nos permite pensar que, embora a diferença de idade entre os dois grupos não seja tão elevada, foi bastante significativa visto o momento de transição social em que elas estavam experienciando. Logo, é curioso destacar que as mulheres do segundo grupo pertencem aos últimos anos de nascimento da geração dos *baby boomers* (1954 a 1961). Elas se depararam com mudanças que estavam em pleno andamento no Brasil e no mundo ocidental, presenciando assim o auge do movimento de instabilidade e rupturas na vida social e, ao mesmo tempo, o incentivo às aspirações e projetos individuais (Féres-Carneiro, 1995, 2001; Jablonski, 1998; Goldenberg, 2000; Araújo, 2009). Essas entrevistadas, então, casaram-se numa idade mais avançada em relação àquelas que nasceram ainda no início das transformações sociais, políticas e econômicas (1946 a 1954), indicando assim a tendência de que os casamentos passariam a ser cada vez mais tardios, o que se manteria num movimento crescente como demonstrado pelos dados expostos anteriormente (IBGE, 2009).

As entrevistadas, acompanhando a rápida industrialização do país com o desenvolvimento do consumo e da indústria cultural, sem planejar previamente, desafiaram os modelos de suas famílias de origem, buscando outros projetos de vida. Isso quer dizer que os sujeitos que compõem este estudo são participantes diretos ou indiretos de um cenário de transição que se deu a partir da metade do século XX, como vimos anteriormente (Féres-Carneiro, 1995, 2001; Jablonski, 1998; Goldenberg, 2000; Araújo, 2009), e que contribuiu para a instituição do casamento e da família se tornarem mais flexíveis e plurais (Vaitsman, 1994). Corroborando os achados de Alves (2003), a maioria das entrevistadas se preocupou com seu investimento educacional, dando início ao curso superior, mesmo que nem todas o tenham concluído. Já estava se abrindo então, naquela época, a possibilidade de um crescimento pessoal, momento em que “as moças iam conquistando seus espaços, legitimando vãos mais altos e construindo uma identidade não mais exclusivamente referida aos papéis domésticos” (Vaitsman, 1994, p. 95). É interessante constatar que, na época da entrevista, todas tinham uma fonte de renda mensal comprovando, assim, uma autonomia e independência, de que possivelmente as mulheres das gerações anteriores dessa mesma faixa etária não usufruíam.

6.1

Expectativa em relação ao casamento

A partir dos relatos, foi possível verificar diferentes expectativas em relação ao casamento: para a maioria era algo sonhado e esperado e, no entanto, algumas disseram não compartilhar desse sentimento, provavelmente em função do momento revolucionário em que estavam vivendo. Aqui, nesta categoria, abordaremos esse assunto destacando pontos que nos chamaram mais atenção.

Um sonho de menina: casar e ter filhos

Três entrevistadas frisaram o casamento como um sonho de menina atravessado por um ideal da época, incentivado, principalmente, pela educação baseada na divisão dos papéis de gênero, conforme descreveu Figueira (1987) ao se referir ao modelo “hierárquico” de família. Logo, a dicotomia público/privado

relativa às atividades do homem e da mulher aparece, com clareza, nos depoimentos abaixo.

“(...) eu fui criada à época antiga, vamos dizer assim, né? Não me criaram pra dizer: ‘olha, o que você quer ser no futuro?’ Não! E sim: ‘Quando você casar, quantos filhos você quer ter?’ As panelinhas, vassourinha, boneca...essas coisas, né? E a gente tem sonhos, sonhos mesmo (...) Imagina, se eu ia ficar de titia. Nem morta! (risos)” (M3)

“Sonhava com o dia do casamento! Quem era a menina que com 20 anos, daquela época, que não tinha sonhos de achar seu príncipe encantado, né? (risos)” (M5)

“(Casei) com tudo direitinho, família tradicional, casamento, igreja. Casei com... o meu marido era doze anos mais velho do que eu... pra mim foi uma liberdade, porque eu tive uma família muito tradicional, meu pai era uma pessoa muito rígida, aí na minha casa era de uma rigidez muito grande, em termos de educação, de comportamento... muitas coisas não eram permitidas... não podia ir em baile de carnaval, não podia ir em boate, não podia namorar...” (M8)

É curioso observar que as mulheres se dividiram entre aquelas que privilegiaram o ritual, o casamento civil e religioso com véu, grinalda, festa e convidados, enquanto outras apenas escolheram morar junto, oficializando ou não no cartório. Então, rompe-se com o ciclo típico e ideal, que começava com o namoro sob o olhar da família, prosseguia com o noivado e, após alguns anos, com o pressuposto da virgindade da moça, realizava-se o casamento. Assim, esta geração quebra duas regras: a virgindade até o casamento e seu ritual religioso e/ou civil.

“Eu casei de noiva, mas, por exemplo, era uma época que algumas das minhas amigas tinham relação sexual com seus namorados e eu era uma delas. E outras não, nem se pensava nisso.” (M4)

É interessante notar através dos depoimentos, a coexistência de valores tradicionais e inovadores, tanto entre as mulheres, como também em um mesmo relato, o que iremos aprofundar no desenvolvimento da análise. Apesar da existência de uma maior pluralidade nos arranjos familiares, o sonho com o casamento é algo que ultrapassa as gerações e alcança grande parte das mulheres.

“(...) nós escolhemos casar no civil, tá? Então foi uma festa, foi uma festa sim com o vestido de noiva, essa coisa toda. Então, existia assim, eu posso dizer um sonho em termos é... um certo conto de fadas, vamos dizer assim... Por exemplo, quando eu vi agora o casamento da princesa Kate, você queira ou não, aquilo mexe com o inconsciente coletivo, acho que de todo mundo. De todo mundo não! Mas uma boa parte das mulheres...” (M4)

Novos padrões de conjugalidade

Com o afrouxamento das normas sobre os comportamentos ligados à sexualidade, namoro e casamento, surgem novos padrões de conjugalidade e família na sociedade contemporânea (Mintz & Kellog, 1988; Vaitsman, 1994; Wagner & Levandowski, 2008). Duas mulheres influenciadas pelo contexto de transformação da época associam sua decisão sobre o casamento com o momento em que elas estavam vivendo e as especificidades da sua geração.

“(...) não casei de branco... não casei, não casei nem no papel! Eu fui morar com ele. E assim, a minha geração foi uma geração assim, totalmente contra o casamento, na minha época, ninguém casava, todo mundo ia morar junto....” (M2)

“Eu casei numa época de revolução sexual, de revolução do papel da mulher, (...) muita gente não casou na igreja, a gente, por exemplo, não casamos na igreja por causa da diferença de religião, mas a gente fez uma festa, chamamos a família e tal... E aí tinham amigos nossos que se juntavam, mas, quer dizer, tinha a ligação do casamento, mas de uma outra maneira...” (M7)

Uma das entrevistadas foi movida mais por uma vontade própria do que algo relacionado à sua geração ou meio familiar, expressando assim a força que ganharam as aspirações individuais, confirmando as afirmações de Vaitsman (1994) quanto à abertura à individualidade e liberdade de direitos.

“(...)desde muito nova, eu sempre fui assim, tem muitas coisas que eu fui avessa, eu nunca quis casar! Pra mim isso não era importante, eu nunca sonhei com vestido de noiva, pra mim isso não... nada disso era importante. Então, assim, até que pra minha época eu era meio atrevida, né? Porque eu já assumi uma relação, entendeu? Então assim, na minha época isso ainda era meio estranho, mas mesmo assim eu fui ouvida (pelos pais).” (M6)

A persistência em relação à continuidade do casamento

Na maioria das entrevistas, observamos a dedicação das mulheres em “salvar” o casamento; o que, possivelmente, mostra um desejo de concretizar um ideal de casamento para “a vida toda” (Khel, 2005). Ao conviver com a realidade, as mulheres percebem que a indissolubilidade não é simples, isso porque a teoria e a prática do casamento são muito diferentes. Embora muitas vezes insatisfeitas, as participantes se mostraram persistentes em manter o casamento com a esperança de que a relação conjugal fosse melhorar.

“(...) porque eu pedi separação duas ou três vezes durante três anos e ele não quis. E eu achava bobagem também, porque na verdade, no fundo, no fundo, eu sonhava, sonhava com que fosse mudar de alguma forma. Não mudava nada, uma semana, duas semanas... Porque ele tava acomodado, pra ele tava bom assim.” (M3)

“Eu sempre tentando e achando que um dia poderia melhorar. Eu sempre estava tentando salvar. Sempre! O tempo todo tentando salvar, achando que... ah, vai melhorar... Vai melhorar, aí melhora um pouquinho, aí faz uma viagem, aí volta e tá bem. Aí depois começa tudo de novo...” (M5)

“Então, existe esperança até quando você está tentando. Tanto que assim, eu fiquei um mês sem falar, aí houve ainda alguma situação que a gente tentou, mas uma semana depois já não dava mais (...) Então assim, chega uma hora que não tem mais o que fazer...” (M6)

Como vimos, a longa duração de uma relação contribui para o adiamento de uma separação (Wu & Schimmele, 2007), além de outras razões. É interessante perceber que, em certos casamentos duradouros, o vínculo já havia se rompido há alguns anos, contudo é difícil enfrentar tal situação, conforme a fala de uma entrevistada:

“(...) eu acho que essa questão assim da separação depois de tantos anos, primeiro é muito difícil, é muito difícil você romper... mas, na verdade, na verdade, é como se a coisa já... já tinha acontecido, já tinha rompido, algo tinha sido rompido e a gente fica negando, a gente fica arrastando...” (M7)

O fato de o casal já ter caminhado tanto tempo lado a lado, geralmente, contribui para que a separação seja interpretada pela mulher como uma perda de tudo aquilo que já foi vivido. Além disso, pode prevalecer o desejo de envelhecer junto, já que foi esse parceiro que esteve com ela durante muitos anos e, por isso, ambos já estão adaptados um ao outro.

“Eu sinto que seria muito bom envelhecer com a pessoa com quem você tá junto há muito tempo. É diferente você conhecer uma pessoa depois de uma certa idade, você já com idade, cheio de manias e cheio de coisas, fica muito mais difícil.”(M2)

A mesma participante diz que hesitou também em se divorciar, pois tinha medo de prejudicar seu filho.

“(...) realmente, de uns cinco anos, eu já estava no final do meu relacionamento, eu fui aguentando, porque eu tinha um filho... Eu achava que se me separasse iria prejudicar ele, na escola, na faculdade. O meu filho entrou na faculdade e (minha relação) não melhorava. Eu sempre tinha a esperança que fosse melhorar, mas ao contrário...” (M2)

Outra entrevistada procurou impedir a revivência de uma experiência traumática que sofreu na infância: a separação dos pais. Ela temia trazer de volta

uma situação passada com todas as dificuldades e sofrimentos inerentes, podendo tornar seu rompimento conjugal ainda mais doloroso. A participante chegou a se separar e reatar algumas vezes e, assim, foi ganhando forças para concretizar de fato o divórcio.

“Eu já me separei várias vezes dele, me separei... na quarta é que eu consegui, porque eu não conseguia dar continuidade na separação. (...) Eu insisti muito (em continuar casada)! Eu insisti porque eu achava que... eu não queria repetir que meus pais se separaram, foi muito sofrimento pra mim... Então, é... eu era pequena, tinha 12 anos, então na verdade eu acho que um dos motivos que eu demorei pra me separar foi pra não vivenciar de novo todo aquele sofrimento...” (M1)

Depois de persistentes tentativas, é comum que um sentimento de “fracasso” venha à tona, independentemente do motivo e das repercussões da separação, assim como Bair (2010) assinalou. Afinal de contas, é um sonho que está se desfazendo, de família, de relacionamento. Dessa forma, a idéia internalizada de que o casamento é um laço indissolúvel e permanente contribui para que a ruptura conjugal ocorra repleta de sofrimento.

“Inicialmente, quando um dia eu saí da terapeuta, a primeira coisa que me veio na cabeça foi fracasso, fracassei no casamento. A primeira coisa que eu falei foi: fracassei! Fiquei muito triste, chorei à beça por ter fracassado, pelo meu sonho não ter dado certo, vamos dizer assim, né? É engraçado, eu acho que isso é cultural...” (M3)

“Quando você fala assim: ‘a propósito de ficar velho junto?’ Eu queria muito ficar velha junto! Eu tenho maior coisa com família. Eu sofri PRA CARAMBA! Quando eu botava assim ‘divorciada’, ‘separada’ (se movimentou como se estivesse assinando), rasgava o meu coração. Mas, você tá entendendo? Era uma coisa assim, realmente de conflito, porque era insuportável viver junto, mas eu tinha um MONTE de ideais. Eu tinha um ideal de família, eu tenho uma coisa de família muito forte. Então, é... nossa, eu queria muito... é uma coisa que me entristece muito, sabe?” (M9)

6.2

Motivos para a separação

Todas as entrevistadas enumeraram um somatório de acontecimentos, mudanças e atitudes que desgastaram o casamento, levando assim ao pedido de separação. Nenhuma delas se sentiu surpresa com a decisão pela separação, como Bair (2010) mencionou que ocorreu em algumas das suas entrevistas. Isso porque

a escolha pelo divórcio, em todos os relatos, deu-se aos poucos, até chegar à conclusão pelo rompimento conjugal.

Apresentamos as subcategorias abaixo por ordem decrescente; ou seja, das mais mencionadas para as menos.

Falta de cumplicidade

Quando instadas a se pronunciar sobre os motivos da separação, oito das dez mulheres destacaram respostas relativas à “falta de cumplicidade”, associada a ideias como ausência de um “espaço em comum”, de “interação”, de “diálogo”, de “companheirismo” dentre outros. Em muitos casos, as mulheres ressaltaram a ausência de um parceiro amigo, com quem elas pudessem confiar suas questões. Algumas participantes também enfatizaram que o marido não compartilhava aspectos importantes com elas; preferindo assim se fechar e manter certa distância delas. Dessa maneira, este estudo corrobora os resultados de Bair (2010), que obteve o distanciamento e a falta de comunicação entre o casal como uma das principais razões para separação.

“(...) eu nunca me senti parceira dele, assim... cúmplice! Porque quando você tem uma pessoa do seu lado, você acaba sendo cúmplice das coisas que vão acontecendo. E ele era tão orgulhoso, sabe, e vaidoso. (...) Quando há uma cumplicidade entre os dois, você até segura a onda, mas não houve isso. (...) Eu me senti traída do dia a dia, de amizade, dele não confiar, não acreditar... de mentir, a mentira é a pior coisa que tem num relacionamento, sabia?” (M2)

Uma entrevistada frisou a ausência de diálogo, do “bate papo” cotidiano, da falta de interação entre marido e mulher, o que acabava em um distanciamento crescente dia após dia.

“Eu me frustrei muito com a falta de comunicação... (...) Então eu pensava, poxa, duas pessoas chegam em casa naquele script de casamento que todo mundo, tanto ele quanto eu aprendemos, né? Então a mulher vai pra cozinha faz a comidinha e o homem fica vendo televisão... Isso começou a me incomodar, muito! Porque eu falei: ‘tudo bem, eu posso fazer, mas ele vai ficar o tempo todo vendo televisão... Cadê a interação?’” (M3)

Geralmente, a ausência do homem na casa, em companhia da família, influencia negativamente a relação do casal. Uma participante mencionou que seu marido ficava não só longe durante a semana (o que até ajudou a prolongar o casamento), mas também quando ele estava no Rio de Janeiro, sua presença em casa era incomum, o que prejudicava sua interação com ele.

“Quando ele viajava, que ele toda semana passava dois, três dias em São Paulo, eu achava uma delícia! Porque não tinha que aturar o mau humor... (...) Achava muito bom essa distanciazinha durante alguns dias. Eu acho que isso até que foi protelando mais o casamento... Essas viagens dele. Isso durou... acho que uns 3, 4, 5 anos... E depois quando ele chegava, era clube o dia inteiro... Então, a casa e a mulher e os filhos eram sempre meio em que segundo lugar, né?(...) Aí a gente mal conversava, mal se falava direito...” (M5)

As viagens do marido podem tanto postergar uma possível separação, como vimos acima, quanto afastar ainda mais um parceiro do outro.

“A gente se distanciou DEMAIS aqui (no Rio de Janeiro). Primeiro porque ele ainda tinha os negócios lá (Uberlândia, onde moravam), ele viajava muito e eu ficava mais sozinha e eu tive um desenvolvimento profissional muito grande aqui. Então, a gente se distanciou totalmente e... a vida passou a ser assim em função de manter as crianças bem...” (M8)

Conforme Bair (2010) afirmou anteriormente, um distanciamento físico duradouro pode alterar o funcionamento da casa, como também ser a oportunidade para o resgate da individualidade da mulher, ser uma redescoberta de si mesma e até mesmo um ensaio para um rompimento futuro.

“E mais perto da época da separação, ele cismou que tinha que aceitar um trabalho fora do Rio (...) ele ficava, praticamente, internado lá, tinha direito a uma folga por mês e foi um choque muito grande, porque uma pessoa que vivia dentro de casa, de repente, ir pra fora, e eu senti que ali foi um processo de separação, vivi um processo de luto muito forte, chorei muito, ele levou, praticamente... caixas e mais caixas e roupas e coisas... E passado essa fase, do luto propriamente dito, eu comecei a... eu me tornei uma outra pessoa! Comecei a me redescobrir, como pessoa, como ser. Eu comecei a ter tempo livre, e eu comecei a viver uma experiência de não ter aquela chatice dentro de casa, o mau humor... (...)Bom, e aí, me senti muito aliviada, então, eu passei uma outra época, meus filhos mais calmos, a casa mais tranquila e eu tendo assim... claro, sozinha, mas um movimento mais meu...” (M7)

Ainda que um relacionamento seja repleto de amor e paixão, a falta do quesito “companheirismo” pode dificultar a relação.

“(...) eu acho que a gente sempre foi muito apaixonado, mas a gente foi pouco amigo... (...) Eu acho que a gente tinha uma relação de muita paixão, uma relação muito forte de homem e mulher, entendeu? E a gente... não pôde, não soube é... ficar amigo, ser mais companheiro, enfim...” (M9)

Alcoolismo ou bebida em excesso

Assim como a pesquisa da AARP (2004), o alcoolismo ou bebida em excesso foi um dos motivos mais citados pelas participantes. Entretanto, a bebida não pode ser considerada a causa em si, mas um desencadeador de outras questões

prejudiciais para a relação como, por exemplo, agressões verbais e psicológicas. Nas pesquisas da AARP (2004) e Bair (2010) esses tipos de agressão (mesmo utilizando outro termo, abuso) aparecem também com muita frequência, mas diferentemente da nossa pesquisa, eles não especificaram se estes abusos estavam associados ao uso do álcool.

“(...) quando ele (o marido) começou a perder dinheiro, ele começou a beber (...) o meu ex-marido bebia cada vez mais, era agressivo, entendeu? (...) Até meu filho presenciou assim, o pai bebendo, agressivo comigo.” (M2)

É interessante perceber que da mesma forma que Bair (2010) ressaltou que as mulheres eram muito cuidadosas ao comentar sobre possíveis agressões físicas, aqui também encontramos a preocupação de uma participante em exaltar que não sofria esse tipo de abuso.

“(...) porque o meu ex-marido bebia muito, o motivo também número 1 da separação foi a bebida, eu esqueci até de te falar... Então, foi a bebida. Ele não chegava a ficar agressivo, ele ficava chato, quer dizer, ficava agressivo de palavras, né? Não de atitude, né? Mas, de palavras, ficava agressivo... (...) A bebida foi fundamental para a separação... Mas é um somatório, atrás da bebida vem um somatório de coisas que te desagrada...” (M5)

Uma participante citou episódios que envolveram o filho no conflito com o cônjuge como agravantes para a situação em que se encontrava.

“(...) ele bebia e ficava agressivo. Assim, teve alguns lances que graças a Deus, nunca saiu nada de pancada, mas eram mais agressões verbais. Então isso pra mim era muito complicado. Aí quando assim, o filho cresce, acabou! Eu acho muito triste um filho dar um tapa no pai ou encarar... Acho muito triste, muito triste.”(M6)

O alcoolismo foi aludido como algo que prejudicou o casamento, mesmo que em todos os casos deste estudo, o cônjuge (alcoólatra) já estava abstinente anos antes do divórcio. Contudo, o vício pela bebida foi desgastando a relação aos poucos, prejudicando o encontro sexual e a interação do casal.

“(...) então, eu percebia assim que, por exemplo, meu filho era bebê e antes do meu marido subir, ele dava uma paradinha no bar. Bebê pequeno e eu querendo que ele voltasse pra casa. Naquela época não tinha essa coisa de celular, né? (...) E aí, quando ele chegava, ele já tava com cheiro de bebida... (...) durante muito tempo, eu fiquei muito só, porque essa coisa de que a gente trabalhava, cada um pra um lado... quando se encontrava tinha essa coisa da bebida... Que não era bem do jeito que eu queria, então... e não era do jeito que ele queria também! Então, eram decepções de parte a parte. E ele

queria uma mulher ferosa, e eu sentia uma coisa meio brecada quando eu encontrava ele com aquele hálito alcoolizado.” (M7)

É curioso constatar que a abstinência não é a solução para “salvar” o casamento em casos de alcoolismo de um cônjuge, como mencionamos anteriormente. Depois de parar de beber, outros desafios vêm à tona como, por exemplo, a reconstrução da vida social e o investimento na relação conjugal.

(...) quando ele parou de beber, os amigos eram todos ligados ao álcool. E ele não trabalhou isso, e eu solidária, fiquei com ele, praticamente fazendo nada, absolutamente nada. Era casa, casa, casa, trabalho, casa, casa, trabalho e filho, tentar ter filho. E a grana também estava curta, mas quando você quer se divertir... Você vai dar uma volta no calçadão, sei lá... Vai ver um cinema que é uma coisa relativamente barata... Quando você quer fazer as coisas, você faz! E a gente não tinha esse tempo de lazer juntos. Aí ficou sem graça...” (M3)

Descompasso

O descompasso entre o casal foi citado por algumas mulheres validando, então, os resultados da AARP (2004) e Bair (2010). Com o passar do tempo, possivelmente um dos parceiros ou até ambos vão se transformando, amadurecendo, alterando sua percepção sobre as coisas, porém nem sempre o casal consegue andar junto, lado a lado, durante o processo. Os interesses vão se modificando, os gostos se alteram, as demandas variam, enfim, conciliar todas essas mudanças pode ser uma tarefa complexa, como descreveram duas entrevistadas.

“E porque eu me decepcionei com algumas coisas, houve mudança também de comportamento... (...) Dele, assim ele não era uma má pessoa, não foi nesse aspecto não, tá? Me amava muito... (...) mas... é... mudou, pra mim mudou, eu casei com uma pessoa e ele foi se transformando em outra que não me interessou mais. Se ele tivesse se transformado em alguma coisa melhor... ou vai crescendo juntos, mas quando é uma coisa que não é positiva... aí fica complicado, né?” (M1)

“(...) realmente... eu acho que meu marido também ganhou muito dinheiro e muito rápido, não sei se isso interferiu, ele ficou uma pessoa meio que assim, tudo era possível, tudo podia, meio sem limite sabe, acho que isso pode ter influenciado...” (M10)

Em consonância com os estudos de Féres-Carneiro (1998), o descompasso entre os membros do casal remete às tensões entre aspectos individuais e conjugais dos parceiros e, muitas vezes, prevalece a ênfase no particular. Assim, abdica-se da conjugalidade em função dos desejos individuais. Além disso, nem sempre mudanças significativas ocorrem com um membro do casal ou com

ambos, mas o tempo pode ressaltar diferenças que sempre existiram. Assim, o que antes era aceitável passa a não ser mais, portanto ideais, personalidades e estilos de vida distintos podem pesar com o passar dos anos.

“Acho que fui amadurecendo mais e não quis mais aquela situação. Eu já tava cansada daquilo. Até porque assim, eu sempre fui muito família e ele não era família... Então, aí vinha as brigas, as discussões, entendeu? (...) E assim, ele é uma pessoa muito arrogante, muito... sabe essas pessoas explosivas? E eu já sou muito na minha, não gosto desse tipo de... falar alto, brigar, eu não gosto de nada disso. Pra mim, aquilo sempre me incomodou muito. Aí chegou uma hora que não deu mais.”(M6)

“Na verdade, o que tava acontecendo é que quando a gente decidiu casar, foi um coisa assim... eu já tava com um nível de amadurecimento profissional maior, e ele continuou no ativismo político. (...) E eu acho que esse descompasso perdurou, eu acho que o casamento inteiro. E tanto que, o que mais norteou nossa crise afetiva era que realmente eu passei a ser uma pessoa muito capaz, competente e qualificada... e ele, é como se ele tivesse parado no tempo... (...) Então, assim, essa realmente foi uma questão, além de outras questões... eu acho que isso interferia nessa relação homem- mulher-sexo. Eu acho que, eu não sentia uma firmeza.” (M7)

O descompasso pode interferir na admiração, na interação e na vida sexual do casal tendendo a agravar quando o crescimento de um dos membros caminha num ritmo distinto ao do parceiro. Um das entrevistadas tinha uma diferença de doze anos de idade em relação ao seu marido, o que acarretou diversos conflitos de interesse e distanciamento entre eles.

“Então, a partir dos nove anos de casada, eu comecei a sentir uma diferença muito grande, porque como eu era muito nova e ele bem mais velho, eu sentia que existia uma diferença muito grande em termos assim... você olha o futuro, né... enquanto eu tava descobrindo as coisas, que ele já tinha descoberto... doze anos de diferença... E aí a gente começou a ter umas diferenças que eu não demonstrava em nada, mas eu confesso pra você que depois de nove anos, eu já comecei a não ter tanto prazer naquele casamento... não me satisfazia em várias coisas: primeiro que ele não acompanhava meu crescimento e nem aceitava meu crescimento... (...) ele começou a sentir que eu não era mais a mesma pessoa, a gente cresceu assim, em movimentos diferentes, né... e cada um foi pra um lado, quer dizer, eu mais do que ele, né.” (M8)

Filhos: felicidade e dificuldades conjugais

Não é por acaso que a época de maior risco de separação consiste nos primeiros anos de união (Stern Peck & Manocherian, 1985; Clarke, 1995): além da adaptação à vida a dois, trata-se também, geralmente, do período de nascimento dos filhos. O impacto da nova rotina com o bebê pode repercutir negativamente no casamento, acarretando crises conjugais sérias ou desentendimentos recorrentes. Entretanto, a maioria das entrevistadas disse se

sentir “encantada”, “deslumbrada” e “fascinada” pela maternidade e tudo relativo a ela, o que nos remete à qualidade de mãe e cuidadora do papel tradicional da mulher (Biasoli-Alves, 2000; Brasileiro, Jablonski & Féres-Carneiro, 2002; Attias-Donfut, 2003). Neste estudo, duas mulheres (M4 e M9) demoraram em torno de dez anos para ter o primeiro filho. Assim, possivelmente em função da entrada de um elemento a mais na família, surgem conflitos e dificuldades em relação à adaptação dos papéis. Além disso, uma participante afirmou que os filhos permitiram que as diferenças do casal aparecessem com maior clareza, já que a partir daquele momento eles tiveram que lidar com várias situações complicadas e desconhecidas.

“(...) tem um período que é um período de adaptação, de conhecer o outro, de ter essa relação de homem e mulher, que basicamente eu não conhecia nada disso, né?... Bom, então nesse aspecto, a gente era muito companheiro realmente, porque tínhamos uma coisa de nos entendermos, sempre conversávamos muito... Aí chega nosso primeiro filho (Breno) depois de uma convivência grande e aí muda tudo, porque é um outro universo. (...) Porque no dia em que eu fui mãe, eu fui ver o mundo de uma forma muito diferente... com a família e o filho a gente começa, digamos assim, a ter um tempo, que é de outras adaptações. Onde não era mais só nós dois, havia um terceiro elemento, que se era um elemento fantástico porque é... , digamos assim, reafirmava uma relação de dois, também era alguém que mostrava as diferenças de ambas as famílias... (...) As coisas da relação, do casal, vamos dizer assim, nós passamos mais a ser pai e mãe do Breno do que ser companheiros, homem e mulher...” (M4)

O nascimento dos filhos pode também acarretar, em alguns casos, ressentimento no marido ao ter que dividir com o bebê, o amor e a atenção da mulher, já a esposa é capaz de se sentir sufocada de tanta solicitação. Do mesmo modo, desentendimentos na maneira de educar os filhos podem gerar crises entre o casal (Bair, 2004), já que as discordâncias acabam também por enfatizar os diferentes valores, crenças e ideais de cada um.

“(...) todos os momentos que as crianças chegaram na fase de um ano e meio, dois anos, a gente tinha uma GRANDE crise. Então, quando minha filha tava com um aninho e meio, dois anos, a gente foi pra uma terapia de casal, uma GRANDE crise, mas segurou. Quando o meu filho fez um aninho e meio, dois anos, uma outra grande crise e aí a gente se separou por seis meses, depois voltamos... Eu acho que o meu ex-marido ele não suportava... ele era uma pessoa muito voltada pra ele... (...) Então, assim, a minha hipótese era que... entrava numa coisa de competição, de ciúme, entendeu? Aí eu começava a ficar transbordando, de tanta solicitação, de tanta coisa, e a gente também entrava muito em conflito, em termos de educação sabe assim, de discordar, sei lá... bobagens, posso te dar um exemplo que tá me vindo na cabeça agora, que quando as crianças começaram a aprender a nadar... Ele era a favor de ‘pum, empurra pra dentro

da piscina... Tá com medo? Empurra logo!’ Tinha umas coisas mais assim, mas, vamos dizer assim, uma disciplina mais européia, que aliás ele era filho de imigrantes, né, diferentemente de mim. ” (M9)

A despeito do nascimento dos filhos, possivelmente, incitar uma série de diferenças e conflitos, essa situação pode persistir por muitos anos. A mesma entrevistada resolve dizer um “basta” para a situação em que estava inserida estimulada por um problema de saúde dela após perceber que, depois de tamanha dedicação ao marido e aos filhos, quem precisava de cuidados era ela.

“(...) a gente tinha passado um ano na Inglaterra, pelo trabalho dele, e eu tava com 39 anos, ia fazer 40... Eu larguei TUDO! (...) eu fui mãezona, aí eu fui ‘full time’ mãe, entendeu? Parece até que foi um ano que eu dei tudo e mais alguma coisa, entendeu? Tipo assim, é isso, zerei! E aí a gente voltou, e aí começou a ficar complicado.(...) quando entrei pra pós-graduação, um novo mundo se abriu. E aí eu saquei que eu não ia conseguir terminar o curso se eu ficasse casada, porque era... tinha uma sabotagem não dita (do marido), entendeu? A gente morava numa cobertura, (o marido dizia:)‘ah... porque a obra não sei o que... porque não sei o que...’ Eu não aguentava mais, eu tava sufocando!E teve também uma histerectomia, que foi um ponto muito forte. Porque nessa minha coisa de mulher, mãe, então, a retirada do útero era uma coisa totalmente simbólica, né... eu sofri pra caramba... tavam assim, arrancando um pedaço de mim. (...) Quando eu me recuperei, aí veio uma coisa na minha cabeça, tipo: ‘Olha, agora eu vou cuidar de mim! Eu vou cuidar de mim, eu não devo mais nada a ninguém. Eu tô zerada, eu dei pra caramba!’”(M9)

É interessante perceber que duas das entrevistadas realizaram uma histerectomia, o que causou grande impacto em suas vidas. Como vimos no depoimento acima, mesmo já com dois filhos, a perda do útero foi algo bastante sofrido: possivelmente em função do útero estar associado ao conceito de feminilidade, por relacionar-se ao papel reprodutor da mulher e a sua vida sexual. Em outro caso, após “resolução” do alcoolismo do marido, o foco do casamento passou a ser a tentativa de ter filhos, sendo que esse movimento persistiu por mais ou menos dez anos, até que a histerectomia marcou o fim do sonho. Assim, podemos supor que o abandono de um projeto de vida (o filho), somado a um cotidiano sem alegria e prazer, segundo depoimento da mulher, culminaram em um quadro de depressão.

“Aí entre que ele deixava o álcool e a gente estava ao mesmo tempo tentando engravidar, porque era um sonho que eu tinha, ter um filho... (...) É, então, eu acho que isso também, de novo substituiu, saiu o álcool e entrou o filho (...) E eu que sou uma pessoa extremamente alegre, eu comecei a ficar triste e eu não sabia porque, eu não fazia mais nada de lazer, a relação tava chata... eu não entendia porque eu comecei a parar de sorrir e a ficar triste... Aí eu tive que tirar meu útero.... Foi o fim do sonho... (...) Mas, que aconteceu... Seis meses depois, bom eu sempre me achei a fodona, né? Eu achava que podia resistir tudo, dar conta de tudo... Tudo mentira! Seis meses depois, assim um

dia, eu caí em depressão profunda. Não sei se... ah, depois eu vi porque que eu tava começando a ficar triste... Eu já estava a 'caminho de' (da depressão) e não sabia..."(M3)

A figura imaginária de um filho pode gerar discórdias e frustrações como, por exemplo, em função de religiões distintas do pai e da mãe. Assim, conforme uma participante relatou, essa circunstância trouxe um profundo conflito entre a tradição familiar da mulher e a escolha do marido.

"(...) depois veio o outro filho, aí teve uma crise forte pelo campo religioso, porque o primeiro filho, ele achou que valia à pena fazer a circuncisão no menino, tipo assim, uma homenagem ao meu pai, que morreu de câncer... (...) Ele (ex-marido) não era judeu, que foi uma grande crise na minha família... (...) E no segundo (filho), ele disse: 'não, não, agora não vai ter circuncisão nenhuma, vai ser em homenagem à minha mãe.' E aí foi muito ruim, porque minha mãe teve uma atitude muito intolerante... eu fiquei muito, muito dividida entre a minha mãe, entre a tradição, e o meu marido. E achava que as coisas que ele colocava tinham sentido: 'claro, agora é a minha vez!' E aí, isso aí realmente começou a ser um ponto de corte entre a gente..." (M7)

Problemas financeiros

A presença de problemas financeiros apareceu em três entrevistas, o que nos permite pensar que a ausência da segurança econômica pode representar uma ameaça para o bem estar do casal. Duas mulheres afirmaram que ao trabalhar junto ao marido, a relação se tornou mais conflituosa; uma delas enfatizou o quão prejudicial foi isso, abalando a confiança e a admiração pelo marido.

"Ai... trabalhar junto é muito ruim! Acho que foi um dos motivos pelo qual o meu casamento terminou foi justamente eu depender do produto dele, entendeu? Foi uma coisa que eu fiquei ligada a ele. (...) Trabalhar junto mistura as coisas, aí eu vi o quanto ele é enrolado nos negócios, entendeu? Porque bem ou mal, afetou a mim também. E isso afetou minha admiração... (...) Eu comecei a ver um jogo muito sujo, entendeu? E ele não era claro, eu não sabia ao certo o que estava acontecendo. E como eu tinha um negócio junto com ele, que era uma pronta entrega que dependia do produto dele, acabou que ele teve a dor de barriga e eu tive... acabou sobrando pra mim, entendeu?" (M2)

A fala de uma das participantes mostra que os problemas financeiros podem dificultar a relação do casal, como também acarretar uma frustração da mulher ao ver seu marido acomodado e sem trabalhar, enquanto ela se mantém sobrecarregada. Algumas vezes, então, a mulher não é apenas responsável pela casa e pelos cuidados dos filhos (Biasoli-Alves, 2000; Araújo & Scalon, 2005), como também por pagar todas as contas, contribuindo assim, para desentendimentos e frustrações no vínculo conjugal.

“Eu sempre gostei muito de cozinhar, a cozinha era uma fuga pra mim. Vendia doces, salgados e fazia um dinheiro com isso. Teve até uma época que as contas de casa ficaram por minha conta, porque meu ex-marido estava sem emprego. Aí eu comecei a ficar chateada porque olhava ele deitado no sofá, enquanto me acabava na cozinha, ele não ajudava em nada. A cozinha, que era pra mim uma fuga, acabou virando prisão. Além de todo trabalho que eu já tinha, passei a ficar enfurnada na cozinha o dia inteiro! Acho que isso desgastou muito a relação...” (M6)

Infidelidade

A infidelidade apareceu como razão para a separação em um depoimento, confirmando os achados da AARP (2004). Conforme Bair (2010) alegou que acontece em grande parte dos casos, o adultério descrito pela entrevistada se deu no ambiente de trabalho do marido, mantido em silêncio por anos.

“(...) eu descobri depois de um tempo, de uns anos, enfim, que ele tinha uma outra família com filhos, ela era secretária dele, ela foi se envolvendo... não sei. Ele conseguiu esconder bem isso, ele escondeu por muitos anos. Eu me separei com 33 anos de casada, mas eu já... com uns... acho que uns vinte e nove, vinte oito anos de casada, eu já meio que desconfiava...” (M10)

Depois de aberta a traição do marido, a mulher resolveu então pedir a separação; no entanto, o rompimento não foi de forma abrupta. O casal tentou ainda continuar juntos por mais alguns anos, ainda que separados judicialmente.

“(...) Aí, decidi me separar no papel e, fui me separar mesmo, dele sair de casa, depois de... sei lá, acho que uns 6 anos, que eu tinha me separado no papel. Mesmo separados no papel, moramos um tempo na mesma casa. Porque ele pediu pra tentar mais, mas eu queria me separar...” (M10)

6.3

Desafios da separação tardia

A partir das entrevistas realizadas, listamos os principais desafios enfrentados no processo total de separação. Como explicado anteriormente, o responsável pela decisão, geralmente, traz consigo uma angústia e ansiedade antes mesmo de a separação ocorrer (Amato, 2002). No entanto, durante e após o rompimento conjugal, outros desafios surgem; por isso, incluímos nesta categoria os obstáculos que emergiram antes, durante e depois do processo de divórcio.

Financeiro-econômico

Para a maioria das entrevistadas, a insegurança financeira foi um receio que acompanhou grande parte do processo de separação corroborando, então, os achados de Bair (2010). Algumas até trabalhavam, mas não eram as principais provedoras da família: dentre todas as participantes, uma (M3) dividia as despesas meio a meio; outra (M6), por um período, manteve a casa, como mencionado anteriormente; e a terceira (M7) ganhava mais que o marido durante todo o casamento. Esses dados vêm reforçar um tema a que já aludimos, sobre as novas funções que as mulheres assumiram a partir da metade do século XX (Féres-Carneiro, 1995, 2001; Jablonski, 1998; Goldenberg, 2000; Araújo, 2009).

É interessante observar que grande parte das entrevistadas afirmou que, por mais que existisse uma redução provável no padrão econômico-financeiro (Hoffman & Duncan, 1988), ainda sim, o desejo de uma vida mais satisfatória superava a possível dificuldade financeira.

“(...) o desafio econômico, era um temor que eu tinha, se ia conseguir dar conta (...) eu não era o (provedor)... da família. O meu ganho não era substancial, entendeu? Eu sempre trabalhando e estudando,mas não era uma coisa assim... equivalente, não era! (...) Meu padrão caiu muitíssimo! Muitíssimo. Isso foi um outro lado assim, que eu fui muito corajosa. Porque eu tinha um padrão e... (ele) caiu, caiu muito. É... mas não me segurou, não me deteve, entendeu?” (M9)

“Eu tive MUITA dificuldade financeira, se não fosse meu pai pra me ajudar... Porque meu salário, realmente, para o meu padrão de vida, não dava... Aí pus minhas filhas todas pra trabalhar... (...) Eu enfrentava qualquer coisa, falta de dinheiro...” (M8)

Dentre as nove participantes que tinham filhos, todas permaneceram com a guarda deles imediatamente após a separação. Uma delas expôs, especificamente, maior dificuldade em ter de lidar com uma série de despesas que surgiam no cotidiano e que, muitas vezes, não eram cobertas pela pensão mensal paga pelo ex-marido.

“O desafio financeiro foi um baque, o desafio em termos de estar com os dois filhos e aí quem está mais perto também é quem leva mais, mais porrada, em termos de mais despesas, entendeu?” (M4)

Devido à escassa experiência no mercado de trabalho, o desafio financeiro apareceu na vida de uma das entrevistadas como um “fantasma”, indo assim ao encontro dos achados de Bogulob (1995). Segundo a maioria das pesquisadas,

quem cuidou da maior parte financeira durante o casamento foi o ex-marido, as mulheres começaram a se preocupar em relação a isso quando já estavam pensando no divórcio.

“Ah... Eu via um fantasma! Como é que eu iria sobreviver, né? Eu não sabia fazer nada, apesar de ser formada, eu nunca trabalhei... (...) Nessa época eu até estava trabalhando, mas não dava, não tinha condição... (sinal de não com a cabeça) Entendeu? Não, não me trazia o suficiente para eu sobreviver. E isso me assustava muito, como é que eu iria viver né? Era assim um fantasma enorme! Depois de tantos anos, depois de 22 anos de casada...” (M5)

Ainda que a mulher tivesse um trabalho e partilhasse com o ex-marido todos os gastos da casa, um receio exposto por uma participante foi de perder seu emprego. No seu caso, a possibilidade de ficar sem trabalho era algo temido devido também ao fato de sua família não morar no Brasil. Logo, segundo seu depoimento, não teria ninguém com quem realmente pudesse contar.

“Acho que o maior medo era de perder o emprego... Eu refletia pelo fato de morar sozinha aqui no Brasil... Engraçado, perder o emprego com 48, 50 anos, eu imaginava: ‘o que que eu vou fazer?’ Sem marido, sem família aqui...” (M3)

É interessante notar que a casa representa um esteio para a pessoa: até o momento em que uma das entrevistadas ainda morava num ambiente familiar, predominava uma sensação de proteção e amparo. Depois da saída da casa, é que surgiu a insegurança de ser financeiramente independente.

“(...) ficamos (ela e o ex-marido) morando na mesma casa, mesmo separados, durante um tempo, tá? (...) Então eu não pensava muito... Na verdade, a minha separação mesmo... eu só vim sentir realmente quando eu saí da casa, porque até então, ele assumia tudo, né?(...) Porque até então, eu me sentia protegida na casa. Só depois que saí que caiu a ficha, que veio o medo de me bancar sozinha...” (M2)

Solidão

Embora o maior obstáculo presente no processo do divórcio tardio apontado pela AARP (2004) e Bair (2010), como vimos, tenha sido a solidão, a ameaça da dificuldade econômica foi o desafio mais mencionado aqui neste estudo. Podemos pensar que a diferença se deu em função desta pesquisa só ter, como sujeito, mulheres, e são elas as que mais temem as mudanças econômicas

(Bair, 2010) e não a solidão. Contudo, o medo de ficar sozinha também apareceu no discurso de algumas entrevistadas, como mostra a fala de uma pesquisada sobre os receios relacionados a sua vida afetiva e social.

“(...) eu também temia ficar sozinha, estar só, então ir pras situações... até hoje eu não gosto não, por exemplo, pra uma festa, eu não vou sozinha, acho CHATO! Gosto de ter companhia... (...)” (M9)

Algumas entrevistadas apenas se depararam com a solidão depois que já estavam separadas e morando sozinhas. O medo do desconhecido foi tão intenso em uma das mulheres, que ela precisou lidar novamente com um quadro de depressão. Assim, podemos supor que, o fato de ela não ser do Brasil, de estar longe da sua família de origem e também o de não ter tido filhos, que podiam ser importantes companheiros, contribuíram para o sentimento de tamanha solidão.

“Claro, depois de eu ter conseguido meu objetivo, esse apartamento estava quase pronto, eu fiz tudo realmente muito rápido. Quando eu cheguei aqui (no apartamento em que foi a entrevista) já tinha geladeira, fogão... Fui dormir, quando acordei, acordei com tremelique, àquele enjôo, a deprê querendo me atacar novamente. Lá vai pro psiquiatra. Lá vai toma comprimido daqui, comprimido dali, porque já tinha baixado a guarda, né? Ok, consegui tudo, acabou o projeto... abaixou a guarda, parou de se defender e pá! (demonstrou com a mão o movimento de cair) É... chorei por muito tempo, devo ter chorado todos os dias, por muito tempo. Era... realmente, era medo. Medo, claro, também senti solidão, medo, solidão... Meus pais não estavam aqui no Brasil e nesse momento é sempre bom...” (M3)

Os questionamentos sobre o futuro persistiram no dia a dia de certas mulheres após o processo de separação. O incerto e o desconhecido amedrontavam, mas não eram tão fortes a ponto de elas quererem voltar atrás.

“Uns 5 ou 6 meses iniciais (depois da separação) foram cruciais né? Eu me sentia muito sozinha! E até me arrependendo do passo que eu tinha dado... (...) o primeiro impacto de estar sozinha, o medo do que vem pela frente, né? Será que vou arranjar alguém? Será que vou refazer minha vida, entendeu? Refazer, não pensando em casamento, mas você ter alguém, né? Um companheiro... um namorado pra estar junto e tal. Então, pinta tanta insegurança, que até você sair desse estágio, demanda um tempo, né?” (M5)

Tendo em vista que não existe resposta exata para certas indagações, uma das entrevistadas, que tinha se separado há cinco anos, ainda precisava, recorrentemente, lembrar de como tinha sido seu casamento. Isso porque existiam ocasiões em que ela questionava a si mesma se a decisão da separação foi “acertada”.

“Eu me pergunto: ‘meu Deus será que eu tinha que ter ficado mais um tempo?’ Porque assim, não tinha uma coisa de traição, têm outras histórias que são permeadas por traição. Então... eu não sei, eu acho que é uma coisa assim de... sair de uma relação, que já está desgastada, como uma opção pra poder viver uma outra vida melhor e é difícil a gente acreditar: ‘será que eu tô vivendo uma vida melhor? Será que é isso mesmo? Pô, mas tem tantos momentos que você tá sozinha...’ Por exemplo, hoje eu tava lendo “ah, um restaurante foi aberto...”. Pô, eu gostaria de ir, que lindo, que legal! Aí eu vou com quem? Aí você fica... fulaninha falou que vai num casamento, a outra não tem dinheiro suficiente pra ir, a outra... Entendeu? Então, tem um momento que tem um impeditivo assim, tem uma limitação! Aquele companheirismo de poder fazer as coisas... Aí depois eu parei, mas peraí, eu não ia tanto assim, entendeu! Não era bem assim! Então, você tem que se chamar à realidade, você tem que se lembrar, ‘mas peraí, você lembra que no final nananananana...’ Então, é o tico e o teco o tempo todo. Você tem que ficar fazendo essa mediação com você mesma, né. E não é nem uma questão de culpa, é: ‘Será que foi certo? Será que esse caminho vai me levar à Roma?’” (M7)

Depois de muitos anos com a mesma pessoa, vincular-se à outra pode representar um desafio, como no relato abaixo.

“A maior barreira é comigo mesma. Eu achei que eu taria mais aberta pra um novo relacionamento e eu não estou, ainda, tá? A maior dificuldade é comigo mesmo, isso me surpreendeu! Quer dizer, me surpreendeu mais ou menos, né? Mas, um pouco me surpreende. Da minha dificuldade, MINHA, de criar, de realmente, criar um vínculo.” (M1)

A separação na meia-idade

Considerando que estamos estudando também o impacto da meia-idade no processo da separação, interrogamos se as entrevistadas achavam que a faixa etária em que elas estavam na época foi um dos desafios enfrentados. Para todas, isso não foi algo tão relevante na escolha do divórcio. Isso porque elas estavam mesmo interessadas nos anos que tinham pela frente, e não no passado, o que, anteriormente, vimos ser o mais saudável segundo Lachman (2004).

“Se alguém vai me olhar ou não, não pesava tanto. Acho que a idade era um segundo plano, a separação era mais forte... Como eu estava infeliz, e era aquilo que eu não queria. (...) Eu não podia tirar de mim a chance de ser feliz.” (M3)

Confirmando os achados de Lachman (2004), percebemos certas diferenças entre o início da meia-idade, em torno dos quarenta anos, e a meia-idade tardia, mais próxima dos sessenta. Esta é marcada pela passagem da menopausa, com suas manifestações de ordem orgânica e psicológicas (Coelho & Diniz), que muitas vezes refletem na auto-estima e atitude da mulher. Já o início da meia-idade é sentido como “auge da meia-idade” pela maioria das

participantes, isto é como o ponto mais elevado em termos de aspectos positivos da fase. Uma das entrevistadas esclareceu muito bem tal distinção diferenciando a idade em que estava na ocasião do divórcio e a do momento atual.

“Eu acho que faz uma diferença você se separar com 57 do que com os 44. Minha percepção é a seguinte, eu tava com 44 anos, então eu ainda tinha muita possibilidade de um segundo casamento, filhos não, mas eu tava muito nova, né? Agora eu estou com 60, então, por exemplo, e isso era uma coisa que eu também banquei a separação, se era pra acontecer, eu não queria que acontecesse muito mais tarde, eu não queria tá velha, quando eu me separasse, entendeu? Então, eu tava no AUGE da meia-idade, mas eu tenho a impressão que a mulher que se separa, com 55 ‘plus’, é diferente. Mais perto dos 60, sabe, eu acho que tem uma coisa, eu vejo com relação com o corpo... a menopausa... Eu sinto uma diferença enorme, eu sinto assim em mim, por isso que eu tô te dizendo, eu, Vânia com 44 é uma coisa, eu, Vânia com 60 é outra! No meu corpo, eu sinto... eu na minha relação com o meu corpo, que dirá com outro. Então nesse sentido, isso eu tinha muito medo, até de histórias que eu escuto muito, pessoas que acabam se separando lá com 70 anos, aí ninguém merece! Ninguém merece porque é muita dor e aí já numa fase da vida...” (M9)

Com relação ao tema abordado, podemos, inclusive, notar que cinco anos podem fazer grande diferença na percepção sobre si mesma. Logo abaixo, temos o exemplo de uma mulher que se separou com cinquenta e dois anos: na época ela estava se sentindo ótima com a idade, enquanto agora, com cinquenta e sete anos, ou seja, mais próxima dos sessenta, é que sua faixa-etária começou a pesar negativamente.

“Na época com 52 eu não senti (a idade) não, mas hoje em dia eu sinto... (...) Quando me separei, me sentia super paquerada, super assediada, me sentia assim, maravilhosa!” (M2)

Obtemos outra fala semelhante, mas na qual a distância entre a idade da separação e a faixa etária em que ela se encontrava no momento da entrevista era maior, somando quinze anos.

“(...) Com quarenta e poucos eu me sentia super bem! Se fosse hoje sim (a idade pesaria), aos 58, mas com 43, 44 anos nem... Não me pesou mesmo!” (M5)

O maior intervalo, desde a separação até o momento presente, foi do sujeito que já tinha se divorciado há vinte e um anos. De fato, muito tempo se passou, com a meia-idade ficando para trás e a fase da velhice ingressando. Primeiramente, segue a fala desta mulher sobre a ocasião do seu rompimento conjugal, quando ela tinha aproximadamente quarenta e três anos.

“A idade não pesou NADA! Eu estava no AUGE! Eu achei que fosse pesar, mas não. Eu fiquei tão feliz, igual a um passarinho, mesmo sofrendo horrores, problema com ele (ex-marido) e tal... eu fiquei muito feliz! Eu me senti livre, LIVRE de não ter aquela pessoa, de dormir na mesma cama, de viajar com ele...”(M8)

Decorridos vinte e um anos, a idade já pesa para a participante, que no momento tem 64 anos. Logo, aceitar o passar do tempo e, assim, o início da velhice pode representar um grande desafio com todas as mudanças físicas e estigmas da sociedade contemporânea (Lins de Barros, 2004). Como veremos abaixo, a entrevistada começou a rejeitar a si própria em função das marcas do tempo e, junto com elas, as ideias negativas internalizadas (Calasanti & Slevin, 2001).

“(...) agora eu voltei pra terapia pra poder aceitar a minha velhice... (...) Porque eu me rejeito, entendeu? EU me rejeitando como velha, que não é fácil, porque você perde, não só aquela coisa da... não adianta, por exemplo, eu posso fazer plástica, posso esticar, mas a minha mão tá aqui... me mostrando quantos anos eu tenho. A perda de massa muscular, a pressão que subiu, é o colesterol, é não sei o que... (...) Então você não tem o mesmo corpo, eu engordei, então eu já não gosto do meu corpo, já não tenho coragem de mostrar...”(M8).

A idade em que todas as entrevistadas se separaram variaram entre quarenta e três e cinquenta e dois anos. Através das falas das mesmas, podemos perceber que a idade não foi uma questão que dificultou o processo de divórcio. Talvez, se priorizássemos uma faixa etária específica como, por exemplo, acima dos cinquenta e cinco anos, as repostas seriam bem diferentes, tendo em vista a colocação de algumas participantes. Em suma, a insegurança e uma série de outros sentimentos advindos do processo de separação (Maldonado, 1986; Stern Peck & Manocherian, 1985; Vaughan, 1991; Féres-Carneiro, 2003) aparecem no discurso das mulheres, mas não especificamente em função da faixa-etária em que se encontravam, mas sim decorrente dos desafios do próprio rompimento conjugal.

“Eu acho que sempre você tem uma insegurança, será que eu vou conseguir? Será que eu vou é... né, conseguir ser alguém, porque ele era uma pessoa muito ciumenta, então, eu mais ou menos não tinha uma vida própria. Mas, não sei, eu não tive tanto medo assim não... pra mim, a idade foi algo assim... sem menor problema...” (M10)

6.4

Alternativas para o enfrentamento das dificuldades

Investigamos quais foram as alternativas utilizadas pelas entrevistadas para o enfrentamento das dificuldades. Levamos em conta qualquer auxílio importante para a recuperação e reequilíbrio, tendo em vista que, em grande parte dos casos, trata-se de um percurso carregado de sofrimento e tristeza (Sakraida, 2005).

Uma nova relação afetiva

Nossos achados foram ao encontro da pesquisa da AARP (2004), já que a maioria das participantes ressaltou o novo relacionamento como um recurso valioso para sua “recuperação”. O depoimento de uma entrevistada pontuou como seu namoro, na época, foi relevante para a auto-estima e o bem estar, comparando sua história com a flor de lótus, símbolo de renascimento e superação.

“(...) Eu tava separada mais ou menos uns dois anos... Aí, eu namorei uns dois anos, mas uma coisa muito conturbada, mas ajudou, com certeza! Primeiro é muito importante, porque dá um ‘up’! Porque você se sente um pouco, quer dizer, não sei se é todo mundo, mas para mim... nossa, a gente se sente o ‘coco do cavalo do bandido’! E aí você começa de novo, é... como se fosse... Você sabe a história da flor de lótus? A flor de lótus nasce do lodo, eu vejo uma flor de lótus, quando ela consegue sair daquele lodo todo, ela vem com uma beleza, com uma força absurda!” (M4)

Tendo em vista que a expectativa de vida está cada vez mais elevada (Papaléo Netto, 2006), a mulher em torno dos quarenta anos se sente muito jovem e ainda com muito tempo pela frente. Assim, é interessante perceber, no discurso das entrevistadas, uma redescoberta de si mesma após a separação; ou seja, um resgate da juventude e vitalidade que haviam sido deixadas de lado por um tempo.

“Era bom estar separada, dona do meu nariz e tal... Ah... eram mil paqueras, né? Tão gostoso isso. Depois daquele impacto dos primeiros meses... eu comecei a sair bastante, bastante!” (M5)

“(...) eu adolesci! Assim, três anos, vivendo uma adolescência que talvez eu nem tivesse vivido. Saindo, namorando muito, andando de mini-saia... eu tava que tava! Imagina, com 43 anos, eu era muito nova!” (M9)

Mesmo que uma relação afetiva, após a separação, dure poucos meses, ela continua sendo importante como, por exemplo, para o reencontro da sexualidade.

Algumas mulheres achavam que haviam perdido a libido de acordo com a situação em que se encontravam no seu casamento, última experiência afetiva e sexual.

“(...) se eu separei em outubro, acho que arranjei um namorado lá pra fevereiro. Mas, aí já estava bem! Demorei uns 4 meses... Aí esse namorado não durou muito... (...) Mas vou te dizer uma coisa, eu pensava: ‘e agora como eu vou fazer (sexo) se eu já não tenho vontade?’ A vontade voltou assim (estalando os dedos)! Voltou assim, pá! Não tive nem que pensar. Pá! Quando teve que voltar, voltou na hora!” (M3)

“(...) aí eu comecei realmente a me envolver com essa outra pessoa... Comecei a ver que, na verdade, na verdade, eu não tinha problema sexual nenhum, que a grande questão é que eu não sentia que tinha uma pessoa madura do meu lado, quem eu pudesse realmente me entregar. E juntou a essa questão da falta de brilho, da falta de admiração, que o tesão tá muito vinculado a isso tudo, né. Eu acho que claro, provavelmente tinham coisas minhas de dificuldade, que eu fui aos poucos tentando sanar, entender e resolver, mas realmente tinha uma coisa assim de que não tinha liga entre a gente.” (M7)

Psicoterapia

Do mesmo modo como foi observado por Sakraida (2007), encontramos a psicoterapia como um importante recurso para o enfrentamento de questões relacionadas ao vínculo conjugal. Alguns sujeitos chegaram à conclusão do divórcio a partir do processo psicoterapêutico. A escolha pela separação é geralmente muito marcante, repleta de dúvidas e conflitos, principalmente para quem conviveu tantos anos com a mesma pessoa (Wu & Schimmele, 2007). Desse modo, é relevante que o processo seja elaborado e ponderado, o que pode levar muitos anos. Contrariando toda uma tradição de família, uma das participantes, depois de se descobrir insatisfeita no casamento, aproveitou uma mudança de Belo Horizonte - seu local de origem - para o Rio de Janeiro, com a esperança de melhorar ou até romper seu matrimônio. Ela tinha para si que, no Rio de Janeiro, teria mais liberdade para escolher e enfrentar sua situação conjugal, e a psicoterapia foi algo muito valioso no desenrolar do processo.

“Depois de um certo tempo, eu comecei até fazer terapia, mas ele (o ex-marido) foi contra a terapia, ele não queria que eu fizesse, e ... eu continuei fazendo e descobri que não queria mais aquele casamento, isso com nove anos mais ou menos de casada, mas eu não tinha como sair dele, porque era muita tradição, isso ainda em Belo Horizonte... No meio disso, ele (o ex-marido) teve uma proposta pra voltar pro Rio de Janeiro (ele era do Rio de Janeiro e a mulher era de Belo Horizonte). Aí, ele trouxe a família toda e eu vim, tive muito coragem, saí de lá com 3 filhas, né. Pensei assim: ‘Bom, aí de repente é o momento de eu conseguir, ver se eu conseguia separar, porque NEM ELE aceitaria, eu sabia... nem minha mãe, nem meu pai, nem minha irmã...’ (...) Aí quando a gente veio pra

cá, na verdade, eu AINDA estava tentando continuar o casamento... aí, já morando aqui no Rio, depois que eu fiz 14 anos de casada, eu cheguei à conclusão, através da terapia, que eu realmente não queria mais ficar naquele casamento, a gente não tinha nada a ver... (...) Então, foi a terapia que me segurou mesmo, foi a terapia que me ajudou...” (M8)

A psicoterapia, para a maioria das participantes, consistiu em uma importante “preparação” para o rompimento conjugal: ela possibilitou um fortalecimento da individualidade, um melhor autoconhecimento, como também um novo olhar, ou seja, outra perspectiva sobre a situação.

“Eu não conheci ninguém que ajudou, o meu foi através de autoconhecimento mesmo, meu, comigo, de me preparar mesmo, uma preparação... foram anos de preparação! (...) Porque faço terapia, fiz a vida inteira!” (M1)

“(...) três anos antes de eu me separar, eu comecei a trabalhar com a minha individualidade. Foram mais ou menos três anos de preparação... (...) Aí depois que comecei a fazer terapia, comecei a descobrir um monte de coisas que eu não percebia. Eu não percebia... como era eu ter deixado meu mundo, pra viver um mundo que não era meu... (...) Primeiro descobri através da terapia o que eu tinha e o que que não tinha, pra eu descobrir o que que eu queria. Descobrir porque que... aquele sonho todo de príncipe e princesa não deu em absolutamente nada.” (M3)

Depois que a separação é concluída, a psicoterapia pode ser uma importante ferramenta para a renovação e superação. É interessante perceber a maneira pela qual uma das participantes apreendeu sua dissolução conjugal não só como o fim de algo, mas também como uma oportunidade para o recomeço.

“Você ter a coragem de olhar pra você, que o processo de psicoterapia te proporciona isso. Você encarar aquilo como uma renovação também. (...) eu digo que a separação, ela tem... ela tem um sentido de uma morte mesmo. Teve um luto ali, né? Mas eu gosto, é que... (...) tem uma coisa muito bonita da palavra luto, o luto da perda e o luto pela vida, a mesma palavra, com sentidos distintos.” (M4)

Corroborando as pesquisas de Féres-Carneiro (1995) e Bair (2010), uma das entrevistadas já tinha frequentado a terapia de casal em dois momentos específicos: em uma primeira separação que durou seis meses e depois reatou o casamento e, em um segundo momento, depois de dez anos, quando então de fato se divorciou. Isso nos mostra que nem sempre a terapia de casal “salvará” o casamento, mas ela pode ser também um importante suporte para uma separação cordial.

“(...) (na primeira separação) a gente tava fazendo uma terapia de casal, separados, mas fazendo terapia de casal... na outra (separação) também, a gente procurou um terapeuta de casal, mas aí não decolou muito não. É, sempre teve esse recurso, tanto pra separar, como pra retornar. Pra retornar, na primeira, a terapia de casal ajudou muito. A gente nem sabia como fazer, entendeu? Como voltar tudo...” (M9)

Diferentemente dos Estados Unidos (Wu & Schimmele, 2007), não encontramos, nos relatos, nada a respeito de grupos de apoio específicos para pessoas que vivenciaram separações de uniões duradouras. No entanto, uma entrevistada comentou espontaneamente como um círculo de mulheres com experiências semelhantes seria valioso para o enfrentamento dos desafios cotidianos que surgem após o rompimento conjugal.

“Eu acho que falta um espaço pra gente fazer uma troca. Porque quando a gente se encontra com as amigas, fica uma coisa meio de... de descarregar aquela... num primeiro momento, quando você está no início mesmo do processo (de separação). Mas, depois que a gente passou aquilo ali, tem o dia-a-dia. Tem que viver e construir um novo... um novo processo, um novo presente, uma nova perspectiva de vida, e aí, pra isso, a gente não tem muito espaço pra falar, né? Então... claro, eu faço terapia, há muitos e muitos anos, faço terapia Freudiana e já transitei por vários espaços terapêuticos, já fiz grupo, já fiz individual, já parei, já voltei... (...) Então, eu acho que tem uma coisa assim de mulheres, que querem se encontrar e que querem se dar força...” (M7)

Familiares e amigos

Metade das participantes disse que o apoio de familiares e amigos foi muito importante para o enfrentamento da separação, reforçando assim os estudos já mencionados de Hammond e Muller (1992). Três mulheres (M5, M6 e M9) contaram como seus irmãos foram figuras imprescindíveis durante o processo de divórcio; em dois deles, além do suporte emocional, ainda as auxiliaram em suas questões profissionais.

“A minha irmã é psicóloga e, o apoio dela foi sempre muito grande. Sempre ela esteve muito comigo... Tanto que assim, eu estou trabalhando pra ela, desde a separação até hoje!” (M6)

“(...) meu irmão foi sempre muito meu amigo, e ele um belo dia assim, ele tinha uma empresa com mais alguns amigos e me disse que estavam precisando de alguém... E eu falei: ‘Não quer me contratar não?’ Nem sabia como fazer as coisas... (...) Foi meu primeiro grande desafio! Foi muito bom... aí eu comecei a... sabe? A me sentir segura novamente, entendeu?” (M5)

As amizades podem representar um forte apoio para a mulher, mas, segundo a maioria das entrevistadas, as amigas que mais permanecem presentes são as que estão em situação semelhante; ou seja, as divorciadas ou as solteiras; as casadas muitas vezes se afastam, temática que abordaremos na próxima categoria.

“(...) essa minha amiga já estava também separada, então a gente saía e tal... Ela me ajudou muito... Então, eu dei muita força pra ela, na época que ela separou, e ela me deu muita força, uma das poucas, né? A gente conta nos dedos, né? Os que ficam... são poucos...” (M5)

Religião

6 Uma das pesquisadas afirmou que encontrou conforto apenas na religião, e não através de uma psicoterapia, amigos ou familiares, como a maioria.

“(...) eu acho que nada me ajudou assim, eu nunca fiz terapia. Amigas também não me ajudaram assim... você sabe que eu não tinha esse hábito de falar com as pessoas desse assunto, nem com amiga, nem... é... com a minha família também não porque eles nunca quiseram esse casamento... (...) Então, eu nunca falava assim com ninguém muito desse assunto, depois que meus filhos ficaram moços, a gente... quando surgia esses problemas, a gente conversava um pouco a esse respeito... (...) Eu acho que foi Deus mesmo (que me ajudou)... só (risos).” (M10)

6.5

Reação dos filhos, amigos e familiares

Sabemos que a separação não interfere apenas na vida do casal, mas também é um evento que contagia todo o funcionamento da família e círculo de amigos. Aqui, nesta categoria, discorreremos sobre efeitos do divórcio em relação aos filhos, amigos e familiares, sob a percepção da mulher.

Filhos: crianças e adolescentes

As mulheres se referiram à separação como algo muito sofrido especialmente para os filhos adolescentes e mais novos. A reação dos mesmos variou desde mudanças de comportamento até sintomas fisiológicos.

“Todos sofreram, mas eu acho que quem mais sofreu foi minha filha (a caçula), com a separação, ficou assim... bem revoltadinha, até hoje... (...) É... eu acho que os outros (filhos) aceitaram melhor” (M7)

“Acho que foi uma coisa muito sofrida... Então, essa última separação que foi a... realmente a... pra valer mesmo. É... minha filha tinha 15 anos e meu filho tinha 11... 11 pra 12. Foi horrível! Eles sofreram muito. Ele vomitava sem parar... aí eu levei pra análise, foi um caos!” (M9)

A mesma entrevistada continuou sua fala abordando a temática sobre o futuro da vida afetiva dos filhos. Depois de passados quinze anos, ela percebeu certa dificuldade no filho mais novo em se vincular.

“(...) a propósito de marcas, eu não sei, assim o quanto cada um, como é que cada um viveu essa separação. Ele (o filho), por exemplo, em termos de construir uma relação estável, é uma coisa complicada pra ele. Ela (a filha) não, ela tinha namoros longos, mesmo antes desse que ela casou.” (M9)

Conforme expomos, grande parte das crianças e adolescentes sofreu muito com o divórcio dos pais, mas com o passar do tempo, superaram as dificuldades; confirmando, desta forma, o modelo de separação como uma crise temporária (Booth & Amato, 1991; Coontz, 2010).

“Minhas filhas sofreram muito. Porque elas amavam o pai, era um bom pai, e elas não esperavam, porque sempre que a gente... a gente preservou elas muito nas brigas e etc. Então, foi um negócio muito difícil, mas elas se saíram bem, eu acho que elas foram é... guerreiras, porque elas conseguiram ultrapassar... (...) são meninas muito... tem a cabeça boa, entendeu?” (M8)

Como estamos pesquisando casos em que a mulher tomou a iniciativa do divórcio, possivelmente os filhos podem ter tomado partido pelo lado do que foi “deixado”, ou seja, do pai, como no relato abaixo.

“(...) Como eu é quem quis me separar, os filhos ficaram um pouco do lado do pai, mas isso agora acabou. (...) Eles ficaram um pouco contra mim... Por um tempinho, eu achei até que o mais novo ficou mais abalado. O outro eu não sei se foi pela interferência da namorada, que tinha interesse em ficar lá em casa, né?” (M5)

É curioso observar que as pesquisadas M5, M7 e M9 enfatizaram maior dificuldade dos filhos mais novos em enfrentar a situação da separação, validando assim, os estudos de Aquilino (1994).

Filhos adultos

As mulheres disseram que seus filhos adultos aceitaram a separação com mais tranquilidade se comparadas aos relatos das mães com filhos mais novos.

Parece que, de certa forma, os mais velhos presenciaram conflitos, brigas e discussões dos pais e, talvez, já esperassem uma futura separação. Já os filhos mais novos são pegos de surpresa com maior frequência. Uma das participantes afirmou que, além da maturidade do filho na época, ele também se preparou da mesma forma que ela para o divórcio: através de quatro separações temporárias.

"Ah, com 22 anos eu acho que é mais fácil, né? Foram 4 separações, ele vivenciou 4 separações. Então, acho que... também que meio que um pouco, ele se preparou, né? (...) E depois, com 22 anos já é um homem. Já é mais fácil, do que quando separa muito novinho, né?" (M1)

Com frequência, os filhos mais velhos procuraram se inteirar mais do que estava se passando entre o pai e a mãe e, ao mesmo tempo, depois de certa idade, os pais também já não escondiam tanto dos filhos. Como vimos, o filho de uma das entrevistadas chegou a interferir, algumas vezes, nas brigas dos pais com o intuito de proteger a mãe. É possível observar na fala da mulher que, depois da separação, a relação entre pai e filho melhorou bastante. Além disso, a mesma enfatizou a forma com que eles (ex-cônjuges) respeitavam o filho, no sentido de não existir uma rivalidade entre os dois, muito menos um "fogo cruzado" de informações.

"O meu filho se metia quando o pai ficava agressivo, aí isso é triste. Acho que ele ficou chateado com a separação, mas hoje se dá muito bem com o pai, ele até trabalha com ele. (...) Assim, não tem aquela colocação do filho de chegar contar alguma novidade ou levar alguma novidade. Não existe fazer o filho de 'leva e trás'. Nunca fizemos!" (M6)

Corroborando os dados de Bair (2010), uma entrevistada nos contou como o filho se sentiu aliviado após divórcio dos pais.

"Ele (o filho) falou pra mim: 'mãe, eu não aguentava mais ver você e o meu pai naquele clima horrível, sentados na mesa! Era horrível!'" (M2)

Uma participante comentou que, apesar de ter sido difícil o rompimento conjugal para os filhos, eles escolheram não fazer psicoterapia e, com o tempo, foram assimilando a separação. Chama-nos atenção que a entrevistada foi bem econômica em sua resposta ao ser indagada sobre a aceitação dos filhos. Podemos supor que, como esta separação foi resultado de uma traição, talvez o assunto seja tão delicado, que ela escolha por não dar detalhes sobre o assunto.

"Ah... foi difícil! Mas, também nunca ninguém quis fazer terapia, é... depois também eu acho que foram, sabe, aceitando... Eu não sei se hoje... acho que se questionam... o porquê, né, também igual a mim, mas também a gente nunca mais falou desse assunto..." (M10)

É interessante mencionar que, em outro momento da entrevista, a mesma pesquisada comentou que dois dos seus três filhos são separados, fortalecendo assim a premissa de que “divórcio, em parte, se aprende em casa” (Amato, 2000; Jablonski, 2009).

"(...) meus dois filhos são separados. Mas, também eu não complico, sabe, deles serem separados. Acho que é uma escolha de cada um." (M10)

Familiares

Na maioria dos casos em que ambos ou um dos pais das entrevistadas estavam vivos, houve uma surpresa em relação à separação, mas a compreensão logo depois. Uma participante contou como foi a reação dos pais e a dificuldade que teve com a mãe decorrente da morte do pai. Ela enfatizou como seus pais tinham um “casamento de antigamente”, referindo-se aos moldes tradicionais, em que a mulher é a cuidadora da casa, enquanto o marido, o provedor financeiro (Biasoli-Alves, 2000; Brasileiro, Jablonski & Féres-Carneiro, 2002; Attias-Donfut, 2003).

"Ah... foi assim um baque, né? Ninguém esperava muito, mas todo mundo sabia que eu não era muito feliz. Mas, meus pais achavam que (eu) iria manter aquele casamento 'ad eternum'. Foi um choque pra eles, mas eles não me reprimiram... Na verdade, algum tempo depois meu pai faleceu e minha mãe ficou muito dependente dos filhos, porque era aquele casamento de antigamente, né? Um vivia para o outro, aquele casamento que não tem mais hoje em dia! E aí ela resolveu tomar conta de mim: 'aonde é que você vai? O que você vai fazer?' Até que eu dei um basta!" (M5)

É interessante perceber que as entrevistadas mais velhas (M8 e M10) se defrontaram com maior resistência dos pais a respeito da separação do que as demais. Podemos supor que seja em função de seus parentes serem residentes de locais que carregam traços mais conservadores, além de serem mais velhos do que os pais das outras pesquisadas. A família da participante M8 morou a vida toda em Belo Horizonte, enquanto a origem de M10 é uma cidade do interior de São Paulo; possivelmente por serem locais de cunho mais tradicional é que as

mulheres se depararam com maior aversão, principalmente das mães, contra o divórcio.

“Meu pai, que já morreu, que era uma pessoa tão rígida, me surpreendeu, porque ele me deu mais força do que a minha mãe. A minha mãe se tornou quase minha inimiga, na época. Depois, ela começou a aceitar...” (M9)

“Meu pai já era falecido, minha mãe, pra ela também foi muito difícil, porque ela falava que ele (o ex-marido) lutou tanto pra casar, né, pra depois acontecer isso... Depois ela aceitou, meus irmãos também (demoraram para aceitar).” (M10)

Em termos da relação da família do ex-marido com as entrevistadas, tivemos diferentes colocações, sendo que a maioria comentou sobre seu afastamento. Portanto, no depoimento abaixo podemos perceber a decepção da mulher a respeito da atitude da família do marido em relação a ela.

“A família dele ficou realmente mais do lado dele, né, aquela coisa de... e os irmãos assim... mesmo no começo, ninguém veio me procurar... Eu me lembro que fiquei um pouco sentida com isso. Eu tinha uma boa relação com o irmão dele, durante muito tempo (...) eu segurei muito a onda...” (M7)

Por outro lado, encontramos apenas uma fala em que a participante relata o carinho com que a família do ex-marido a trata, convidando-a para eventos, fazendo assim com que se sinta integrada, mesmo que ela prefira manter certa distância.

“A família dele me adora. Eu sou relativamente próxima a eles ainda, na medida do possível. Eu faço parte do contexto... Até me convidaram pra uma festa do dia das mães no domingo, é claro que eu não vou, né? Independentemente dele estar junto ou não.” (M3)

Amigos

O sentimento das entrevistadas quanto à reação dos amigos variou bastante; a maioria ficou surpresa com o afastamento, enquanto as demais receberam a situação com mais naturalidade. Duas participantes ficaram decepcionadas com suas amigas de longa data e também comentaram sobre um possível receio das amigas casadas em conviverem com pessoas solteiras ou separadas.

“Eu senti que várias pessoas se afastaram por eu ser solteira, entendeu? Amigas minhas de antes de casar com ele. (...) Eu fiquei CHOCADA! De parar de falar, de me convidar para os aniversários... É impressionante! Aí eu comecei a andar com pessoas que são solteiras, separadas... Conheci gente nova... A gente pensa que as pessoas vão te ajudar, te apresentar... Mas, O QUE? Ninguém te apresenta ninguém, a não ser suas amigas, realmente, solteiras... Mas, as casadas? Nossa, querem ver você longe!” (M2)

“As amizades se afastam... Muitas amizades se afastaram. Uns por receio, né? De o marido ser paquerado, sei lá... Naquela época parecia isso... Me sentia sozinha demais. Os finais de semana sozinha... (...) Uma grande maioria (de amigos) foram e não voltaram. Fala de vez em quando... Eu me surpreendi muito com isso!”(M5)

A mesma entrevistada supõe que, além das amigas casadas se sentirem ameaçadas em relação aos seus maridos, acredita também que grande parte das pessoas tende a permanecer no lado mais forte, ou seja, o de mais poder.

“(...) muitas vezes, as pessoas ficam pelo lado mais forte, né? (risos) (...) Tinha pessoas que eu achava que eram amigas, de frequentar minha casa, de frequentar a casa de Búzios, sabe? E ficaram pelo lado mais forte, né? Que manteve a casa de Búzios... Que ficou com ele, entendeu?” (M5)

Por outro lado, como mencionamos, temos o depoimento de uma mulher que considerou o possível distanciamento das amizades como algo natural, mais associado à mudança de estilo de vida do que algo intencional, por receio ou preconceito, confirmando assim o estudo Bair (2010).

“Eu acho o afastamento algo natural, né? Assim, você não vai frequentar muito o meio de pessoas casadas. As pessoas não se afastaram, as que são minhas amigas continuaram... Acho que hoje todo mundo aceita (a questão da separação), acho que não tem mais esse problema, não sei... eu nunca vivenciei isso. Minhas amizades continuaram, eu acho que é normal que haja um afastamento, porque se eu tô sozinha e quem é casada, amigas casadas, a não ser que tenha muita, muita intimidade... os programas mudam, eu mesma não vou querer. Um bando de casal e eu lá, sozinha. Não tem graça, entendeu? Sabe... então, pode rolar um ciúmes, porque é uma mulher sozinha, entendeu? Os outros acompanhados... Então, pode haver um afastamento, mas eu não sinto que é uma rejeição, eu acho que é uma coisa natural da espécie humana, entendeu? A proteção, uma coisa... que não acho que é contra mim. Entendeu?” (M1)

Uma participante relatou que por ter vivenciado uma separação repleta de brigas e ameaças, suas amigas temeram se aproximar muito, receosas do ex-marido.

“(...) as amigas não se afastaram, mas tinham medo dele (do ex-marido), então... eram... elas tavam presentes assim, quando eu precisasse, eu chamava, porque elas tinham muito medo dele...” (M8)

Assim como os filhos, os amigos podem se inclinar para o lado que aparentemente está mais fragilizado e, às vezes, até tentam forçar uma reconciliação, conforme ilustra o relato abaixo.

“(...) os amigos começaram a fazer uma pressão pra ele voltar, pra eu deixar ele voltar (para casa) porque ele tava deprimido, deprimido em grau grande e eu disse que não... (amigos:) ‘olha, nós estamos muito preocupados, sei lá, ele pode atentar contra sua própria vida’ E eu falei: ‘olha, pode ser, pode ser tudo, mas aqui, NÃO! Agora acabou, chega!’ Então, foi assim um PÁ! Um CHEGA, ACABOU, NÃO QUERO!”(M7)

A mesma mulher, ao perceber que os amigos poderiam ser um importante conforto para o ex-marido naquele momento, “renunciou” a eles com o intuito de reconfortá-lo.

“É, alguns amigos ficaram mais com ele e EU me afastei. Tipo assim: ‘esses aí ficam com ele, porque eu acho que ele precisa mais do que eu’. Outros não, outros realmente ficaram lá e cá, sempre me procuravam...” (M7)

Uma das entrevistadas contou como foi um choque para seu grupo social a separação já que seu casamento servia como referência. Semelhante ao caso de outra participante (M7), o grupo escolheu um lado para se “unir”.

“Foi um grande choque, porque era um casal referência. A gente era muito... quer dizer, a gente começou muito cedo, era uma coisa muito junta, era um dois em um, entendeu? Foi uma porrada, meus amigos, meus próximos, todo mundo ficou muito mobilizado... (...) Olha, na verdade, aí teve um racha, porque um ano e pouco depois, ele começou a namorar uma moça, quase 20 anos mais nova que ele, e aí foi merda. Aí foi chato... (...) na época, ele adolesceu... Eu dando um duro desgraçado, né... e aí os amigos todos... olha teve UM casal que tentou ficar amigo dos dois, e aí quem deu o ‘dá ou desce’ fui eu. O restante dos amigos, todos ficaram comigo, ele ficou muito sozinho nessa história.” (M9)

6.6

Vida profissional, antes e depois da separação

Corroborando os estudos de Pyke (1994) e Bair (2010), todas as entrevistadas, depois da separação, realizaram grandes mudanças em termos profissionais. Elas, então, demonstraram a capacidade de sobreviver por conta própria, de ser independente e de estar no controle de sua vida. Nesta categoria abordaremos a vida profissional das participantes antes e depois da separação

conjugal, incluindo assim uma possível divisão entre cuidar do lar (e dos filhos) e carreira.

Antes da separação: profissão versus cuidadora do lar e filhos

Cinco das nove mulheres com filho reorganizaram sua vida profissional após seu nascimento, investindo menos na carreira profissional, priorizando desta forma o papel de mãe, o que vai ao encontro dos achados de Biasoli-Alves (2000), Brasileiro, Jablonski e Féres-Carneiro, (2003) e Attias-Donfut (2003). Uma das pesquisadas permaneceu com seu trabalho fora de casa, só que com horários mais flexíveis. Além disso, ela ressaltou a função de cuidado dos filhos como algo bastante cansativo, pois seu marido apenas ajudava e não compartilhava de igual pra igual.

“(...) filho, a princípio, é trabalho braçal. Eu nunca fui mãe de ter babá não sei das quantas, não. Eu tava ali cuidando do Breno (filho) e trabalhando... (...) Eu tinha menos horários, digamos assim, de trabalho. Eu passei a trabalhar em meio expediente, com a entrada do Breno. (...) Entrei num processo de encantamento, literalmente, minha mãe dizia isso: ‘que quando eu tive o Breno, eu fiquei encantada.’ E fiquei mesmo. Por aquele bebê e cuidar dele. Eu cuidei dele basicamente sozinha, porque a... , quer dizer, com a ajuda também do pai, que me ajudava, não vou dizer que não, claro. Tava presente, amava ele profundamente, tudo isso... (...) Sempre minha vida foi assim, mas eu fiz a partir das crianças, eu fiz um horário mais flexível que me permitia...” (M4)

Encontramos um depoimento semelhante, mostrando como a mulher pode colocar em primeiro lugar seu papel de mãe, podendo temporariamente renunciar ao lado de esposa e profissional. É interessante perceber um estado de encantamento com a maternidade em duas participantes (M4 e M9), que assinalaram tamanha satisfação no ato de amamentar e cuidar dos filhos.

“(...) eu vou ser muito franca com você, eu acho que sempre priorizei o lado mãe. Eu levava tudo, tudo, tudo, tudo, concomitantemente, mas de coração, é... se tivesse uma questão entre a maternidade e..., a outra coisa ia dançar... Inclusive o de mulher e esposa, com certeza. Essa foi uma fase é... uma fase complicada, porque na verdade, é... a maternidade e o prazer, né, realmente a minha libido tava toda... eu amamentei muito, olha eu adorava. Ainda bem que eu fiz! (risos) Não me arrependo de nada! (risos) E o lado profissional ia dar tempo, tanto é que depois eu fui correr atrás...” (M9)

Conciliar carreira e criação de um filho pode se tornar algo muito penoso, por isso, algumas mulheres resolveram mudar ou abandonar o trabalho com o intuito de ficar mais presente no lar. Uma das participantes vivenciou o conflito de

maneira tão intensa que chegou a sofrer por um tempo de síndrome do pânico confirmando, portanto, o dilema pelo qual a mulher contemporânea passa com certa frequência, descrito por Rocha-Coutinho (2003, 2009). Particularmente, neste caso, não era só o filho que ocupava a entrevistada; ela, na verdade, estava envolvida com a mudança de casa, junto com a construção de uma fazenda, ou seja, estava sobrecarregada de afazeres.

“Na época que eu tive meu filho, eu trabalhava pra caramba. Às vezes, eu chegava em casa e ele (o filho) estava dormindo, eu ficava arrasada! ARRASADA! E você sabe que passa muito rápido... (...) Eu tava também construindo a casa, que eu queria fazer do meu jeito, que eu sempre gostei, então, eu participava de tudo e tava também arrumando a fazenda... (...) Aí eu abri mão do trabalho, porque eu comecei a ter a síndrome do pânico, eu viajava muito à trabalho, ficava 25 dias fora... Tive até que secar o leite, viajar e nessa viagem é que eu achei que iria morrer, que não ia ver mais meu filho... não foi depressão pós-parto, foi síndrome do pânico mesmo. Aí voltei e continuei trabalhando... fiquei 4 anos trabalhando! (...) Até que saí desse trabalho...” (M2)

De acordo com o relato de uma das entrevistadas, embora tivesse seu trabalho remunerado, ela conviveu, por muito tempo, com a diferença de direitos entre os gêneros, confirmando assim uma dupla moral entre os sexos, citada anteriormente (Jablonski, 1988, 1993, 2003 e 2009).

“Assim, ele aceitava que eu trabalhava, ele me conheceu trabalhando, continuei... Durante os anos que eu tive uma filha atrás da outra, eu diminuí meu ritmo, eu só trabalhava a parte da tarde, tinha o apoio da minha mãe, que morava lá, mas, eu com ele, a gente tinha... ele era uma pessoa à moda antiga. Então, ele aceitava muito pouco a coisa da liberdade da mulher, ele tinha muito mais liberdade do que eu, e eu querendo mais liberdade, então, começou assim, a ter uma diferença. Tinha uma diferença que ele tinha uma vida... não é que paralela, mas ele tinha a coisa de poder sair com os amigos, chegar de madrugada, de ter a vida dele, uma vida paralela dele que era ele com os amigos, porque ele saía do trabalho e ia beber e ia não sei o que... e eu sempre lá, porque eu não poderia ter a mesma liberdade que ele tinha.” (M8)

É interessante frisar que três das nove mães não tinham um trabalho remunerado na época em que tiveram seus filhos. As restantes, por outro lado, dedicavam-se a uma carreira profissional - o que nos mostra a coexistência de valores tradicionais e modernos na sociedade atual com relação à emancipação feminina. Destarte, duas entrevistadas frisaram o quanto tinham de corresponder às solicitações do marido, lembrando-nos dos padrões tradicionais em relação à divisão dos papéis de gênero (Araújo & Scalon, 2005).

“Eu era muito meiga, muito cordata, como sempre, né? (risos) Era bem submissa... Bem dona de casa, mãe, fazia faculdade... Casei com 20 anos, muito novinha, né?” (M5)

“Quando casada eu tinha que dar satisfação, tinha que por café, almoço, lanche e janta...” (M6)

Mesmo sem filhos, a participação desigual de homens e mulheres nas tarefas domésticas pode contribuir para desentendimentos e frustrações no vínculo conjugal, reforçando assim os achados de Jablonski (2003, 2007).

“(...) Ele (o ex-marido) acostumou na casa da mamãe fazendo tudo pra ele, também brigávamos por causa disso, eu falava que a minha casa não era filial da casa da mãe dele (risos).” (M3)

Apenas uma das nove mães entrevistadas prosseguiu investindo muito em sua carreira, mesmo depois do nascimento dos filhos. Diferente dos outros depoimentos, ela não se sentiu pressionada entre carreira e a vida familiar; conciliou os dois muito bem, embora seu marido não compartilhasse de sua opinião.

“Pra mim isso (seu trabalho) não era um problema, era problema pra ele (para o ex-marido). Eu gostava... eu achava que... sempre achei isso... eu não era uma mãe ausente de casa! Eu sempre dei atenção aos meus filhos, sempre tive com eles, sempre procurava essa coisa de... leva na pracinha, participa de todas as festinhas, todas as reuniões, todos os eventos... Claro, eu tinha essa coisa de viajar, mas aproveitava até pouco as viagens porque era aquela coisa de ir e voltar rápido pra poder tá com os filhos.” (M7)

Vida profissional e financeira após separação

Imediatamente após o divórcio, o padrão econômico da maioria das pesquisadas caiu se comparadas à época de casada, indo ao encontro dos resultados de Hoffman e Duncan (1988), AARP (2004) e Bair (2010). Porém, como mencionado, elas conseguiram se reerguer profissional e financeiramente após a separação. Isso não significa que todas deram altos saltos em termos profissionais, mas de certo modo, mantiveram-se felizes e satisfeitas com seu dia a dia.

“Hoje estou muito mais tranquila não preciso me preocupar em dar satisfação onde estou, quando vou voltar, muito menos me preocupar com comida para ele (ex-marido) ou meu filho comer... Trabalho pra minha irmã e faço algumas bijouterias pra vender... Quando a gente se separou já não estava bem (financeiramente). Hoje eu ganho um

dinheirinho, pago minhas contas, vivo num lugar simples, não tão bonito, mas também não tão caro, o que me deixa mais calma no final do mês.”(M6)

Uma participante, que permaneceu no mesmo emprego, comentou que, mesmo com mais despesas, está mais feliz depois do divórcio, aproveitando a vida de uma maneira que não fazia quando casada.

“Agora pago um aluguel, que não pagava, eu gasto mais agora, mas também eu vivo mais com certeza ! O meu padrão de vida, de um modo geral, não caiu.” (M3)

Nos relatos das mulheres aparecem histórias de grande sucesso profissional, motivo de orgulho e satisfação entre elas, principalmente ao perceberem si mesmas como “auto-confiantes” e “auto-suficientes”, o que também surgiu na pesquisa de Pyque (1994).

“O salto que eu dei profissionalmente, depois dos 40 anos é uma coisa assim que me deixa CHEIA de orgulho! E mais... aprender a viver sozinha. Porque quem viveu a vida toda, 22 anos casada... Hoje eu faço tudo, eu sou dona da minha vida, eu pago minhas contas, hoje eu... eu tenho um patrimônio considerável, eu posso parar de trabalhar, e eu vivo MARAVILHOSAMENTE bem... Eu tenho tudo, TUDO, eu que conquistei, depois de 40 anos, então eu sou uma mulher realizada e guerreira.” (M8)

“Eu já estava trabalhando, só que aí você, claro, você fala assim: ‘agora eu tem que trabalhar diferente, né, com mais profissionalismo, contando com aquilo mesmo, né, com seu trabalho’. Aí, graças a Deus, deu muito certo, foi ótimo. Eu tive aquele momento, ficava aquela preocupação e tal, mas depois passou. Comecei a trabalhar mesmo, de verdade, trabalho com a minha filha, nós somos sócias já tem 16 anos. Estamos muito bem!” (M10)

É interessante perceber no discurso das entrevistadas o desenvolvimento de novas identidades a partir da separação, algo também apontado pela pesquisa da AARP (2004). Elas disseram ter adquirido uma boa imagem de mulher independente e capaz principalmente através de conquistas profissionais.

“(...) Aí abri a franquia que não durou muito, durou uns dois anos e pouco, três anos... Foi assim, um sucesso na época, né? Mas foi muito gostoso, aí eu comecei a... sabe? A me sentir segura. Novamente, entendeu? Com meu trabalho...(...)Depois de poder me cuidar sozinha, eu sentia que eu era produtiva, que eu era capaz de fazer alguma coisa. E não apenas ser dona de casa, mãe, esposa, que ficava esperando o marido chegar...” (M5)

“(...) por isso assim, essa coisa do eu quis (a separação)! Eu quis e nesses 15 anos, a minha vida profissional, como eu estou te dizendo, deu assim uma... cresci imensamente, eu me inseri... eu virei uma outra, entendeu? Coisa da mulher, nasceu uma mulher! Mãe eu já era, né.” (M9)

Como vimos, às vezes trabalhar junto com o marido pode não só prejudicar a relação conjugal, como também gerar problemas financeiros, já que são duas pessoas dependendo de um mesmo negócio como fonte de renda. Encontramos dois casos de sucesso profissional em que as pesquisadas deixaram de trabalhar com o ex-marido e reinvestiram em suas carreiras pós-separação; assim, comprovaram sua persistência e capacidade em termos profissionais.

“(...) eu tô melhor financeiramente, sem ele. Eu não tive dificuldade nisso porque a gente tava com problemas financeiros, então pra mim, eu tô melhor hoje financeiramente. (...) hoje eu consigo lidar melhor, né? Porque sou eu sozinha, eu cuido da minha parte financeira. (...) Antes, eu misturava muito, muitas vezes eu trabalhava sozinha, às vezes trabalhava com ele...” (M1)

“Meu estilo de vida caiu... (...)Eu voltei pra estaca zero, fui trabalhar lá longe, ganhando uma mixaria, mas fui, né? Era o que eu sabia fazer, né? Até tomar coragem e começar a trabalhar com essa outra amiga minha. E isso é mérito meu!” (M2)

6.7

Vida afetiva e sexual após separação

Nesta categoria, discutimos como se encontra a área afetivo-sexual da mulher depois da vivência de uma separação de um casamento duradouro, como também a perspectiva de experimentar um novo relacionamento. Das dez mulheres, oito estavam sem um namorado fixo na data da entrevista, e foram mencionadas diversas razões para isso. Além disso, várias questões vieram à tona como, por exemplo, o fato de a maioria das mulheres enfatizar que não gostaria de se relacionar com homens muito mais novos, como também a dificuldade do uso de preservativo.

Dificuldade do encontro

Corroborando os achados de Goldenberg (2009), as entrevistadas apresentaram certa dificuldade em encontrar um parceiro; além de serem mais seletivas do que antigamente, reconheceram também que não estavam se dedicando a isso.

“O que eu sempre falo é o seguinte: ‘se já está difícil entre as pessoas jovens que eu conheço né?’ Pra essa faixa, a nossa, eu acho que fica mais porque você... realmente, você repara mais as coisas, você vai ser mais cautelosa, agora não digo que não exista... Porque eu, por exemplo, não tô focada nisso, né? Eu não posso dizer assim, ah não existe ninguém! Não, não posso dizer isso! Porque eu não tô indo atrás. (...) Depois do namoro que tive, eu cheguei a sair e tal, você sai com alguém, mas nada, digamos assim, uma relação mais sólida, mais companheiro... Isso não, isso não, entendeu? Porque eu encontrei algumas pessoas, mas que não tão querendo nada com nada...” (M4)

A participante seguiu seu discurso utilizando o mesmo argumento para justificar o período que está sem se relacionar sexualmente.

“(...) Eu incluo também a vida sexual, porque pra mim, por exemplo, o que que acontece, eu não sei, é uma coisa minha, sair com alguém, ir pra cama e no dia seguinte tá tudo bem na minha cabeça. Eu não sei fazer isso, entendeu? Eu não tenho nada contra isso, mas pra mim, eu não me sinto bem, não funciona assim. Então, a minha vida sexual também ficou pra trás, nesse aspecto... De uns cinco anos pra cá... que é bastante tempo...” (M4)

Uma das mulheres relatou que espera alguém utópico, logo não podemos afirmar que ela esteja querendo de fato se relacionar com alguém.

“(...) de um ano e pouco pra cá... eu não tô com ninguém. Não me relaciono com ninguém... Aí, você me pergunta: ‘você tem vontade de sair com alguém?’ Eu tenho vontade de sair com alguém da minha imaginação! (risos) Entendeu? Um ideal... Seria uma pessoa assim... também não tenho procurado, né? Seria um cara, que não tivesse filho morando, que não bebesse muito, porque eu só encontro gente que bebe... Os homens depois dos 50, 55 são todos CACHACEIROS! Impressionante!” (M2)

É curioso perceber que a maioria das mulheres frisou não ter interesse em homens mais novos (ao contrário do que ocorre com os homens), o que diminui bastante a possibilidade de escolha, especialmente em um contexto em que os homens disponíveis para o casamento são escassos (Berquó, 1989).

“Eu não gosto de garoto, tá? Tem homens até mais novos que se interessam, eu não... eu gosto de homem da minha idade, assim, próximo a minha idade...” (M1)

“E mais novo eu não quero não! O meu ex-namorado já era 4 anos mais novo do que eu... E assim, não me dá... Eu gosto de realmente de pessoa mais... eu não gosto de garoto novo, gente nova. Eu gosto de pessoa mais velha.” (M2)

“Eu não vou ficar olhando pra garoto! Eu não vou dizer que NUNCA, até olho às vezes, mas não é essa a minha praia. Porque ficou um certo mito, né, de que a mulher mais velha prefere o cara mais novo... Eu quero um cara maduro, com cabeça, que não seja enrolado... (...) Então, sabe, essas coisas assim muito... não é um tudo ou nada, não é! Tem uma coisa seletiva da gente, agora, ao mesmo tempo isso trás consequências, porque a gente fica mais só.” (M7)

Encontrar alguém pode ficar ainda mais difícil quando não se quer alguém muito mais jovem, nem muito mais velho.

“(...) outro problema grande pra mim, eu não gosto de velho! (...) Eu não gosto nem de mim, como velha e nem gostaria de namorar um cara de setenta anos. Eu tenho sessenta e quatro, os homens da minha idade querem meninas mais jovens. Eu também não namoraria um cara jovem...” (M8)

“Assim, eu vou pegar um garotão? Não vou pegar um garotão! Um homem mais velho do que eu? Pode ser, mas não TÃO mais velho né? Enfim, eu não sei. Isso daí eu já não sei te dizer...” (M9)

Devido à falta de locais de lazer que permitam bons encontros, principalmente para uma faixa etária mais madura, uma das participantes disse utilizar *websites* de relacionamento com certa frequência, reforçando assim os estudos de Bair (2010).

“Eu conheço algumas pessoas em sites de relacionamento... Porque as mulheres da nossa idade, 50 anos, vai pra onde? Não tem! Eu saio com minhas amigas, geralmente vou pra restaurante, vou comer, vou jantar, não sei o que... ou para beber alguma coisa. Você vê um monte de mulheres juntas, você nunca vê um monte de homens juntos!” (M3)

Vida sexual após menopausa

A metade das participantes afirmou que a menopausa não prejudicou sua vida sexual, como algumas também pontuaram que recorreram ao uso dos recursos artificiais, como a reposição hormonal, citados anteriormente (Lachman & Firth, 2004). Assim como a pesquisa de Watson, Bell e Stelle (2010), principalmente as mulheres que tinham um namorado fixo estavam muito satisfeitas com sua vida sexual, indo de encontro ao mito de que as pessoas mais velhas, geralmente, não têm interesse sexual.

“Não tem esse lance de não ter desejo sexual. Eu acho que a mulher que chega mais tarde e não tem desejo, é porque já não tinha muito antes. Tem muitas mulheres que não gostam de transar... Não tem uma vida sexual ativa, não se sente... Eu acho que é por aí. Diz que tem a parte hormonal, mas hoje em dia você tem recursos, né? Você tem hormônios, você tem formas de lidar com isso, mas eu acho que não é... não tem a ver. Tem a ver com desejo mesmo, com libido, entendeu? Então, eu acho que é de cada pessoa isso, eu não tenho o menor problema....” (M1)

“Eu faço reposição hormonal, então nem tenho muito essa coisa de ressecamento... a libido tá baixa... Não porque com namorado novo né? Tudo é ótimo!” (M5)

“(a minha vida sexual está) muito bem! A única coisa que eu tive da menopausa foi a insônia, mais nada. Não tenho problema nenhum na parte sexual. Claro que não é como você tivesse 20 anos... faço reposição hormonal...”(M10)

A necessidade de recorrer ao preservativo foi apontada como algo que dificulta a vida sexual das mulheres, já que a maioria delas não adquiriu esse hábito (Sousa, 2008) e então, conseqüentemente, seu número de parceiros fica mais restrito.

“Agora, tem uma dificuldade, tá? Que eu acho interessante é a camisinha. Eu também tenho dificuldade. Eu não tenho o hábito de usar, a gente não tem esse hábito depois de uma certa idade. Isso é complicado, porque não é algo natural pra gente da minha geração... E aí, você acaba que você transa sem usar camisinha. Então, na verdade, o que que acontece, eu tenho que escolher muito mais. Muito mais, muito mais! Porque o homem também não quer transar com camisinha, porque para o homem mais velho...(...) Eles tem mais dificuldade com camisinha...” (M1)

“A gente da minha geração não tem muito o hábito (de usar preservativo). E assim, quando eu me separei e saí com um ex-namorado meu, que eu sei que ele foi muito doído, eu exigia. Ele ficava puto e eu exigia. (...) Era estranho pra mim também...” (M2)

Vida afetivo-sexual: momento presente

Encontramos discursos semelhantes aos resultados de Bair (2010) em algumas entrevistadas, ao alegar que estavam muito bem sozinhas, mas ao mesmo tempo, não estavam totalmente fechadas para um relacionamento afetivo.

“Bom... se você me perguntasse assim: você nunca mais vai ter alguém? Eu vou dizer assim: ‘eu acho que não.’ Porque eu não me vejo assim... eu acho que em algum momento na minha vida, eu acho que eu ainda vou cuidar disso, porque eu acho que é questão de cuidado. Então, como eu não estou cuidando disso agora, eu não posso dizer... Eu não estou fazendo nada pra isso! Poder ser, pode ser... pro futuro sim, mas não agora.” (M4)

“(...) assim eu nem gostaria, nem não gostaria (de me envolver afetivamente), se acontecer um encontro, legal, se não acontecer, legal... O que eu posso te dizer é o seguinte, é... não é a qualquer preço, não é para ter um par, e não preciso assim, ter um par, entendeu? Eu tô confortável do jeito que eu tô: os amigos, as minhas histórias, as minhas viagens, a minha vida profissional, a minha vida familiar. Se acontecer um novo amor, poxa, bacana! Um novo amor... amor é uma coisa boa! Legal! Mas, só se for realmente uma história de amor legal, agora, só pra ter alguém do meu lado, nem pensar!” (M9)

Em contrapartida, duas mulheres escolheram por ficarem sozinhas, pois acreditam já terem investido o suficiente nos seus relacionamentos anteriores, reafirmando assim os estudos de De Jong Gierveld (2002). Logo, ressaltaram que preferem cuidar de si, da profissão e da família em vez de iniciar uma relação afetiva.

“O teu emocional já tá tão castigado ali, que você não tem mais o que recolher. Aí eu pensei o seguinte: ‘bom, tô sozinha, e esse tempo, que eu estou sozinha, esses oito anos, entrar num outro processo? Entrar em outro casamento? Procurar outra pessoa?’ Também não tenho interesse...” (M6)

“Olha, vou te falar, de dois anos pra cá, eu não tenho mais vida afetiva porque eu não quero, não tenho vontade. Eu sou completamente dedicada pras minhas filhas, pro meu trabalho, que é muito rico, e para... os meus amigos, eu tenho MILHÕES de amigos. (...) São várias coisas, né, e a libido, que foi embora, que eu poderia até usar de alguns recursos artificiais, mas eu não tenho mais vontade. (...) acho que tem a ver com as experiências anteriores...” (M8)

Duas entrevistadas não namoram firme, mas regularmente estão saindo com alguém, sem necessariamente manter um compromisso.

“(...) mas volta e meia, eu estou sempre com alguém, com algum homem, tá? Assim, sempre um paqueira... não quer dizer que eu esteja sempre transando, porque eu não estou disponível o tempo todo. (M1)”

“Não saí com muitos (homens) não, porque eu faço um filtro. A idéia não é sair pra transar, é pra se conhecer... Se você quiser transar, qualquer um serve, mas pra ter um relacionamento legal, aí é outra coisa.” (M3)

Uma das participantes relatou que está num momento delicado, de dúvidas em relação a seu relacionamento afetivo. Depois de passados cinco anos, ela gostaria de ter um envolvimento mais sério com seu parceiro, mas até então não havia obtido isso. A idade, portanto, também pode atuar como um gatilho no sentido de: “o tempo está passando e, quanto mais tarde, mais difícil será encontrar alguém”, pensamento que aparece em muitos casos, conforme pontuamos (Sakraida, 2005).

“E agora eu vivo uma situação de muita dúvida, porque eu continuo nesse relacionamento, mas eu também tô começando a me sentir muito só, porque o cara tem outro relacionamento (...) mais atenção pra lá e aí eu comecei a ‘peráí, tem alguma coisa fora do... né?’ E eu acho que aí que fica difícil porque... durante muito tempo eu fiz aula de dança, eu frequentei durante muito tempo a Lapa, nos últimos dois anos, comecei a encher um pouco o saco. Porque assim, eu tenho uma relação, mas eu sei que ela é...”

infinita enquanto dura, eu não sei o que vai acontecer. Não tenho um compromisso. (...) Então, eu tô começando a ver... ‘peraí, eu tenho cinco anos de separação, e cinco anos de relação, e aí?’ Daqui a pouco eu tô com 60 anos e como é que vai ser? (M7)

A mesma mulher relatou como foi difícil voltar a paquerar e estar solteira novamente, deparando-se com uma nova forma de as pessoas se relacionarem: através de vínculos mais superficiais e imediatos (Bauman, 2003).

“(...) meu Deus, eu não sei mais paquerar! Como é que isso? O cara me chama pra dançar e aí né? Eu me lembro que as primeiras vezes que eu ia na Lapa, eu falei: ‘Meu Deus e agora? Como é que vai ser?’ É interessante, é um negócio assim... NOVO, né, mas você aprende.(...) já sai com algumas pessoas assim, alguns caras... Não, não fiquei, mas eu tentei. Tentei assim umas... umas 3 pessoas, 3 caras. Mas... sabe que não rolou? Eu acho que tem uma coisa assim, uma pressa, sabe? De... ‘posso te beijar?’ ‘Pelo amor de Deus, eu acabei de te conhecer hoje!’ Eu acho que ainda estou nesse descompasso, sabe?”(M7)

LAT - Living Apart Together

As duas pesquisadas que vivem um relacionamento afetivo estável mantêm-se, por opção, em casas separadas, ou seja, no arranjo LAT, ao qual nos referimos anteriormente (Bair, 2010). Quando indagadas se gostariam de um dia morar junto com seu companheiro, elas foram enfáticas em negar tal possibilidade. No entanto, é importante lembrar que, na seleção desta pesquisa, como mencionado, optamos por quem não coabitasse; logo, não é por acaso que ambas as mulheres com relacionamentos firmes morassem em locais distintos de seus parceiros.

“(Minha vida afetiva está) ótima! Perfeita! Eu tô namorando uma pessoa muito boa, uma pessoa muito... muito íntegro! Já estamos juntos há um ano e oito meses. (...) Não tenho vontade de morar junto... Cada um com a sua individualidade, com sua casa, com suas manias, né? Acho que o recomeço aos cinquenta e tantos anos, entendeu? Aquele negócio, a gente não pode dizer dessa água nunca beberei, pode ser né? Mas hoje não! Dividir as escovas de dente (risos), o dia a dia, nem penso em recomeçar um casamento! Não é nem aquela coisa, ah... porque eu vou badalar, vou sair, vou ter outros... Não! Sou super tranqüila, mas eu gosto de estar sozinha.” (M5)

“Eu tô bem, tô bem... Tenho esse relacionamento. Nós namoramos, não moramos juntos, cada um na sua casa, já tem 12 anos. Ele é uma pessoa ótima, não depende de mim pra nada, nem eu dele. É um relacionamento mesmo, sem obrigações. Não (não gostaria de morar junto), acho bom como tá.” (M10)

Validando os achados de De Jong Gierveld (2002), a maioria das entrevistadas optaria por se relacionar através do modelo LAT, caso viesse a ter

um relacionamento futuramente. Porém, como podemos perceber nos relatos abaixo, a coabitação não foi uma possibilidade totalmente descartada.

“A princípio seria melhor cada um na sua casa... Acho que nesse momento não moraria com ninguém... Pra mim, neste momento está ótimo como está. Não sei se em algum momento eu tenha vontade de morar com alguém se, essa pessoa me prende muito, né? Não sei... Mas agora, eu tenho pouquíssimo tempo pra curtir meu espaço!” (M3)

“(...) você começa com o tempo, você tem mais as suas coisas, os seus jeitos, seu histórico, então eu acho que o ideal pra mim seria cada um na sua casa e se encontrar, quando fosse interessante. Até porque você já tem um outro tipo de vida, você tem uma questão financeira, da sua casa, seu canto, sei lá, essas coisas assim... Então, eu acho que meu canto hoje, se você perguntasse assim: você levaria alguém pra morar com você hoje? Eu acho que iria ser meio complicado... (...) porque é... nesse momento eu queria outra forma, não seria ali, junto não. Na mesma casa, que eu tô dizendo... Mas, eu não descarto, não descarto... Pode acontecer, a gente nunca sabe...” (M4)

Algumas das participantes preferiram o arranjo LAT para um futuro relacionamento, principalmente pelo fato de terem filhos ainda morando com elas, ou seja, fazem parte da geração canguru (Henriques, Jablonski & Féres-Carneiro, 2004). Assim, podemos concluir, segundo estes dois relatos abaixo, que o modelo de família tentacular, mencionada por Khel (2003), nem sempre é vista como uma boa opção.

“O meu ex-namorado queria que eu fosse morar com ele, queria casar, e ele tinha 3 filhos, homens e queria juntar meu filho com os filhos dele. E eu não queria! Se ele tivesse, de repente, se ele topasse em apenas namorar... Porque eu não quero juntar o meu filho, que na época estava com 20 anos, com os filhos dele... Eu não iria me sentir bem, educando meu filho, com meninos, que tiveram uma educação diferente. Se ele tivesse morando sozinho e eu também, é diferente! Nossa, imagina, 5 homens e eu sozinha! Eu iria me sentir sufocada! Não teria sido muito melhor continuar morando sozinha e namorando final de semana? Mas ele não queria...” (M2)

“Morar junto com filho NÃO tem jeito, isso aliás NUNCA né. (...) Tudo bem, podia vim, namorar e tal, isso aí não tem problema, mas morar junto... isso eu sempre achei que não ia dar certo. Eu já acho uma complicação morar junto, filhos, jovens adultos, com pai e mãe biológicos, ainda mais essa montagem. Cara, eu acho um QUEBRA-CABEÇA, entendeu? MUITO complicado, muito! E assim, eu acho muito complicado essa coisa assim, você tá dentro de casa e... um outro homem que não é o teu pai, entendeu? É... eu acho complicado... e eu também não tenho espaço interno, por exemplo, que essa coisa assim, cada um vem com seus filhos, uma nova grande família... (...) eu acho que na prática eu não... não via nenhuma possibilidade.” (M9)

Apenas uma entrevistada não gostaria de experienciar uma relação LAT, pois acredita ser mais confortável viver junto com alguém.

“É, eu acho que casaria de novo, mas não sei se realmente... eu acho que é o que eu conseguiria fazer, entendeu? (...) Mas, eu acho que eu casaria de novo, é... acho que sim. Eu, por exemplo, não tenho o menor saco de ficar fazendo mala pra final de semana pra casa de ninguém. Então, sabe ou o homem tem que ir lá pra minha casa ou (risos)...”
(M1)

6.8

Avaliação do momento atual

Procuramos saber das entrevistadas como caracterizavam seu momento atual, tendo em vista que apesar do divórcio ser, às vezes, a melhor solução para o casal que não consegue superar suas dificuldades, ele é geralmente vivenciado como uma situação profundamente estressante e dolorosa. Como mencionamos anteriormente, as entrevistadas variaram entre um ano e meio e vinte um anos, contados do momento em que se divorciaram até a data da entrevista e, aparentemente, todas se mostraram fortes e satisfeitas com a decisão. Dessa forma, nossos resultados se aproximaram da teoria que vê a separação como uma crise temporária (Booth & Amato, 1991; Coontz, 2010) e não como uma fonte de tensão crônica que persiste indefinidamente (Degarmo & Kitson, 1996). Depois de ultrapassadas as dificuldades da separação, no entanto, outras questões podem surgir independentemente da experiência do divórcio, conforme abordaremos nesta categoria.

Realizadas

A maioria das pesquisadas contou que leva uma vida agradável e satisfatória pós-separação; mesmo que não tenha sido fácil para nenhuma delas, todas disseram ter acertado na decisão, indo assim ao encontro dos resultados de Bair (2010). Podemos pensar que a sensação de terem feito a melhor escolha seja parte também de um mecanismo utilizado por elas para mitigar os sofrimentos e evitar a dissonância cognitiva (Festinger, 1957); elas convencem a si mesmas de que acertaram na decisão pela separação, tornando assim a vida pós-separação mais leve e com menos arrependimentos.

“Ah... eu acho que estou num ótimo momento da minha vida! Profissionalmente, afetivo...” (M10)

Em consonância com a pesquisa da AARP (2004), algumas entrevistadas se descreveram como “guerreiras” e “rainhas” no sentido de terem enfrentado bravamente a todas as mudanças que precisavam ser feitas quando uma pessoa, que era parte de um casal por tantos anos, repentinamente se vê sozinha com tantos desafios pela frente.

“Eu me considero uma guerreira. Capaz, assim de ter saído! Porque quando eu me mudei, eu tava ganhando um x, onde trabalhava, eu precisei arrumar um outro trabalho, eu fui, fiz a mudança, consegui pagar tudo, entendeu?” (M2)

“Vou te dizer... eu saio daqui, eu me sinto como se fosse uma rainha, e assim que eu saio pra rua. É assim que eu me sinto agora... Estou feliz!(...) Continuo fazendo terapia e agora estou numa outra fase... (...) E falo sempre, me arrependo do que eu não faço, não do que eu faço. (...) Meu momento atual está ótimo! Acabei de voltar de férias, umas férias ótimas, com ótimas fotografias, pessoas legais... Umas férias, nas quais eu vejo, através das fotografias, refletindo felicidade.” (M3)

Uma das participantes enfatizou a coragem que precisou reunir para tomar a iniciativa da separação e como se sentia orgulhosa de si mesma por ter encarado tal situação. Mesmo que o casamento dela tenha tido um final tumultuoso e sofrido, ela se sentia realizada com sua vida, sua família e sua profissão.

“(...) eu fui muito corajosa, porque pela minha estrutura, aos 22 anos de casada, separar, isso é uma coisa muito difícil! (...) Eu tenho VÁRIAS amigas da minha geração que vivem como estranhos com o marido... não dormem juntos, não conversam, nada, mas não separam, entendeu?(...) Então, eu sou realizada... (...) minhas filhas, nós temos uma relação de amigas... minhas filhas querem estar comigo, meus genros querem estar comigo... (...) sou uma mulher feliz!”(M8)

Sensação de liberdade

Uma das pesquisadas se sentia mais madura e serena, inclusive com a possibilidade de olhar para o que já passou sob outra perspectiva, livre do acúmulo de mágoa e hostilidade. Como muitas outras entrevistadas, ela disse estar mais tranquila e satisfeita com a sua recém-conquistada independência.

“Eu estou mais amadurecida, porque quando você está casada, você está vivendo aquele momento e não enxerga muito o que está acontecendo. Quando você sai da situação, você para e vai analisar uma coisa, vai analisar outra, de repente houveram situações que ali foram um drama, e na verdade, não foi drama nenhum... (...) Então, eu acho que

assim, eu estou muito mais tranquila, muito mais amadurecida. (...) Não tenho que dar satisfação para ninguém, faço o que quero... Isso é muito bom!” (M6)

Algumas participantes aproveitam sua liberdade para viajar e usufruir de suas amizades trazendo, assim, renovação e vitalidade para sua vida.

“Eu adoro viajar... (...) Eu vou muito ao cinema, adoro cinema, teatro... Saio com amigas, eu tenho muitos casais amigos. Eu saio com casal e com amigas solteiras, essas duas modalidades. (...) Às vezes, eu te diria que fico mais livre pra desfrutar das minhas relações, sem ter um alguém que eu tenho que tá preocupada se tá interagindo... entendeu? Eu adoro isso assim, de poder tá ‘on my on’, entendeu? Dá uma sensação, um sentimento de liberdade muito agradável.” (M9)

Outra entrevistada ainda ressaltou que as viagens, o trabalho, as amizades e a família suprem a falta de um homem em sua vida, ratificando assim que não tem interesse em investir em um novo relacionamento.

“(...) eu sempre faço muita coisa aqui em casa, gosto muito de cozinhar, então no final de semana eu sempre chamo os amigos pra gente cozinhar... (...) Então eu viajo MUITO, muito, muito, muito... vou aonde tenho os amigos... Viajo também à trabalho... é assim a minha vida, minhas filhas, minhas netas... eu não tenho mais vida afetiva, eu não tenho vontade de ter uma pessoa. Eu perdi completamente a libido... E aí a minha médica me fala: ‘Você quer recuperar?’ Eu não quero! Eu não quero um homem aqui dentro, eu não quero dormir com um homem!” (M8)

O resgate de si mesma

À medida que a identidade conjugal construída durante o casamento vai se desfazendo, a separação se torna também uma oportunidade para resgatar aspectos abandonados ao longo de uma vida a dois. Dessa forma, a conjugalidade é desconstruída e, simultaneamente, vai se restaurando a identidade individual em um processo lento, mas ao mesmo tempo libertador para um possível recomeçar.

“(...) eu acho que eu pude resgatar assim, eu acho que resgatei meu lado mulher. Eu acho que já tinha uma boa imagem minha enquanto profissional, enquanto pessoa, enquanto mãe, enquanto filha, aí, eu acho que resgatei nesse processo todo o meu lado mulher, me sinto mais feminina, mais desprendida, né, pra tentar ter uma outra vida...”(M7)

Como vimos, o voltar-se para si mesma pode ser precioso para as mulheres, que, depois de tantos anos vivenciando a identidade conjugal, podem ter deixado um pouco de lado elementos importantes de sua individualidade. Uma participante, desse modo, frisou a redescoberta de qualidades esquecidas como,

por exemplo, a possibilidade de reaver o prazer e o belo nas pequenas coisas, trazendo-lhe novamente um sabor e encanto pela vida.

“Então você começa a observar mais a vida e encarar... a beleza das coisas de uma forma mais forte, que eu tinha, entendeu? (...) me revendo, quer dizer, podendo entrar em contato de novo com aspectos que eu gosto muito de mim mesma, que é essa coisa de, de amor ao belo, as coisas simples, sei lá, que eu tava perdendo.” (M4)

Notamos o movimento de recuperação da individualidade antes mesmo da dissolução conjugal, representando assim importante fortalecimento e preparação para o que viria a seguir, o divórcio. Corroborando os achados de Sakraida (2005), as entrevistadas também citaram melhores hábitos alimentares e a prática frequente de exercícios, que surgiram concomitantemente com o término no casamento.

“Então, o que que eu recuperei três anos antes? Comecei a fazer novas amizades, comecei a malhar mais um pouco, comecei a ir pro cinema sozinha, sair com as minhas amigas pra não sei onde, comecei a fazer curso de fotografia e a viver a minha individualidade.”(M3)

“A viagem dele foi importante para ver que eu ficava bem comigo e olha que foi muito interessante que não foi uma época, por exemplo, que eu saía de noite. Eu não tinha essa coisa de ir nos lugares e tal, até então não. Foi mais uma coisa assim, de eu comigo mesma, comecei a fazer um curso, aí eu comecei a estudar italiano... (...) fui para um coral, aí eu cortei meu cabelo, aí eu... sabe quando você começa... o tipo de roupa, aí eu emagreci, não que eu estivesse gorda, mas começou a mudar assim a minha alimentação, tudo, tudo! IMPRESSIONANTE!” (M7)

Novos desafios e nem tão novos assim

Depois de superados diversos obstáculos que se apresentaram durante o processo de separação, outros desafios apareceram no caminho das entrevistadas, uma vez que, claro, a vida prosseguiu. Temos, por exemplo, no depoimento de uma participante, o reforço dessa ideia, pois, cinco anos depois de separada, novas questões surgiram, tanto no campo profissional, familiar e afetivo.

“Então assim, eu tô agora vivendo um outro ciclo de mudança, eu decidi fazer doutorado, foi uma virada, do ano passado pra cá, eu decidi talvez estudar fora... não sei o que vai acontecer... O meu filho, o do meio, foi morar com o pai nesse ano. Esse ano tá sendo um ano de grandes mudanças, e também profissionalmente... (...) também tô batalhando emprego. Então assim, é como se fosse um começar de novo, mas numa fase de maturidade. Aí eu comecei a pensar que eu queria tentar um outro tipo de relacionamento também...”(M7)

A entrada num novo estágio de vida como a velhice pode ser encarada como um desafio, principalmente em uma cultura que valoriza tanto a beleza e a juventude, conforme explicamos (Lins de Barros, 2004; Papaléo Netto, 2006). Ilustrando a questão, os relatos de uma das mulheres mencionam, algumas vezes durante a entrevista, o quanto era difícil aceitar a velhice, com todas as mudanças físicas e cognitivas subsequentes e, com isso, acolher a passagem do tempo e também a inevitabilidade da morte.

“Agora é aceitar a velhice... Não a velhice, aceitar a regra da vida... você vai para o auge, depois você entra num declínio físico, e eu quero manter o mental, por isso que eu voltei pra minha terapia.” (M8)

Passados seis anos desde a separação, uma entrevistada relatou que sua dificuldade de criar um vínculo ainda persiste no momento presente. Contrariando a maioria das mulheres neste estudo e também autoras como Goldenberg (2009) e Bair (2010), a mesma foi enfática ao afirmar que não tem nenhum problema em encontrar homens interessantes no “mercado”.

“Olha, eu tô com muita dificuldade! Já podia estar casada, tá? Não falta homem no mercado, é mentira isso. Eu sempre disse isso, nunca faltou, tá? (...) Eu é quem fiquei com dificuldade mesmo de conseguir me firmar mesmo com alguém, né? No início, logo de cara eu não tava fechada, eu tive um relacionamento forte e tudo, mas depois eu me fechei.” (M1)

6.9

‘Conselhos’ sobre o casamento

Durante as entrevistas, sondamos os conselhos que as pesquisadas dariam às suas “filhas” (tendo-as ou não) sobre o casamento, com o intuito de conhecer sua real avaliação sobre a experiência conjugal. É curioso observar como grande parte das mulheres construiu o argumento, principalmente, a partir de sua experiência pessoal, ou seja, valendo-se dos aspectos que, na opinião delas, atrapalharam ou ajudaram seu relacionamento ao longo dos anos.

Todas as entrevistadas recomendaram suas filhas a experienciarem um vínculo conjugal, oficializado ou não. Isso porque a convivência a dois foi

considerada algo muito bom e prazeroso, mas com certas ressalvas que deveriam ser sublinhadas, como veremos a seguir. Outro fato que nos chamou atenção foi que a maioria das mulheres mostrou, através de seus discursos, uma posição mais liberal enfatizando, inclusive, a importância da coabitação antes de o casamento ser oficializado.

A importância de ser feliz

Em consonância com a forma de pensar dos “boomers”, que mencionamos anteriormente (Lanchman, 2004; Bair, 2010), as entrevistadas prezaram muito a felicidade, sendo o divórcio uma possível saída de um casamento mal sucedido e, portanto, uma segunda chance na busca de ser feliz. Isso vem ao encontro do tema que abordamos nos capítulos anteriores, sobre como o casamento da atualidade está relacionado à autorealização e satisfação emocional, diferente do modo que era percebido há algumas décadas.

“(...) o importante é se ela está feliz ou não no casamento. Ela tem que se sentir feliz! Nada pode lhe fazer mal! Não pode ficar com alguém que, seja qualquer tipo de relacionamento que for, que lhe faça mal. Num primeiro sinal, reflita e... (estala os dedos) e sai fora!” (M3)

“Acho que o importante é você estar com uma pessoa que você goste e goste de você, que vocês andem lado a lado, que sejam felizes...” (M6)

A obrigação de o cônjuge fazer seu parceiro feliz pesa sobre o casamento e introduz o desencanto. Na atualidade, muitas vezes, a impressão que se tem é a de que a felicidade é algo que o outro irá fornecer através do casamento. Portanto, a última pesquisada citada (M6) explicou que, antes de esperar algo de alguém, é preciso estar satisfeita consigo mesma, sendo assim a responsável pela própria felicidade.

“(...) não ficar esperando o outro te fazer feliz, o importante é estar bem com você mesma, internamente, entende? Porque só depois disso é que é possível estar bem para uma relação...” (M6)

Outra entrevistada aconselhou a filha a viver sua vida com leveza, sem se apegar tanto aos problemas e às críticas, cultivando assim o bem estar e a harmonia entre o casal.

“Eu tenho uma filha casada... (...) Então, sempre dou o conselho de tentar viver da melhor forma possível.(...) A gente tem que tentar viver o melhor possível, né, sempre descobrindo no dia-a-dia pra que o casamento seja melhor, que sua convivência seja gostosa, sem ser também uma pessoa pesada, né?” (M10)

Uma das participantes frisou o quanto a decisão pelo divórcio deve ser pensada, ponderada e não consequência de um ato explosivo e impensado, já que o convívio conjugal é algo que requer paciência e persistência para o seu ajustamento.

“(...) eu acho assim, que não deve separar logo de cara, se alguma coisa não tiver bem... Porque eu acho que às vezes, você pensa que não gosta mais ou que tá ruim, passa um tempinho, e você percebe que não é nada disso, né? Que é apenas, eu acho que é uma adaptação... Agora, eu acho que se você perceber, que realmente, você não ama mais aquela pessoa, que você não está mais feliz, aí eu acho que você deve separar e na vida, sempre, você pode recomeçar, né? (...) É complicado a separação assim, claro que eu acho que é melhor se puder continuar, mas continuar feliz, né? Se continuar feliz, então tá bom.” (M1)

“Faça diferente do que eu fiz!”

Nesta subcategoria reunimos questões que influenciaram o casamento das participantes e que, segundo elas, fizeram parte do motivo principal para o seu término. Duas entrevistadas frisaram o quanto é importante casar com certa maturidade, sabendo o que desejam da vida. Talvez assim seja possível o casal caminhar na mesma direção e ritmo.

“Primeiro, não casar cedo! Que é um erro, porque você não tá pronta ainda, você não tá cristalizada, você está em processo de crescimento. (...) o processo de crescimento é muito difícil, os dois estarem crescendo no mesmo movimento.” (M8)

Seguindo a mesma linha de pensamento, uma participante assinalou o quão recomendável é o investimento numa carreira antes de casar e de ter filhos, reforçando a importância da realização profissional e da independência financeira da mulher na contemporaneidade (Rocha-Coutinho, 2003; 2009).

“Casar sim! Eu acho que é uma experiência super válida. Agora, primeiro se forma, tenha trabalho, seu trabalho, sua realização pessoal depois a realização de filhos.” (M5)

A cumplicidade foi eleita por uma das pesquisadas o componente fundamental para um casamento bem sucedido: exatamente aquilo que faltou no dela, conforme seus relatos.

“(...) casamento é muito bom. Mas, o principal no casamento, eu acho que é a cumplicidade que os dois têm, sabia? É tão bonito! Que eu senti que não tive no meu casamento, que ele não soube ter... Cumplicidade de crescer, de começar junto, honestidade um com o outro...” (M2)

Combinar a individualidade com a conjugalidade

Corroborando os achados de Féres-Carneiro (1998), as participantes citaram um dos maiores desafios do casamento contemporâneo: a conservação da própria individualidade e, ao mesmo tempo, o investimento na identidade conjugal; ou seja, a busca pelo equilíbrio do individual e do conjugal ao longo do matrimônio.

“(...) esse dia a dia é muito gostoso e até é uma forma de autoconhecimento importante, quando é que você cede, quando é que você mantém a sua visão... Eu acho que a grande magia é você manter as suas coisas, o teu eu e o conjunto, o coletivo...” (M7)

Outra participante enfatizou que, além do desafio de combinar a individualidade com a conjugalidade, é importante que não se deposite uma alta expectativa em relação ao amor e ao casamento, já que isso pode gerar uma frustração no casal ao se deparar com a realidade da vida a dois.

“(...) você não esperar assim, uma história de conto de fadas, né? Ser cada vez mais realista, mais pé no chão, saber que uma relação a dois é uma coisa difícil mesmo, que existe um espaço que é o espaço da intersecção, onde acontece essa relação. E que você possa preservar as coisas que você acredita da sua ancestralidade e você descartar àquelas que você não quer de fato e reciclar àquelas que você possa ver de outra forma.” (M4)

Além da imaturidade de nunca ter morado só, uma das entrevistadas pontuou o quanto é difícil a convivência de duas pessoas com origens, hábitos e valores distintos.

“Você briga com sua irmã, com sua tia, com seu primo... imagina uma pessoa que você não conhece, nunca viveu com você. Até ter a maturidade da convivência, eu não vivi sozinha, saí de uma casa (com os pais) e fui morar em outra. E ele também nunca morou sozinho, saiu da casa da mãe... então são dois costumes, né?” (M3)

A importância do coabitar

Em todos os depoimentos, percebemos a relevância atribuída à experiência conjugal, mesmo que as mulheres neste estudo tenham se divorciado. A maioria ressaltou o quanto é prazeroso e agradável ter um companheiro, compartilhar momentos bons e ruins, poder crescer junto e etc. Logo, a coabitação foi sugerida como vivência que traz maturidade para a relação, além de ser um bom “treinamento” para uma futura oficialização.

“(...) tentar... por exemplo, no caso do meu filho, eu acho que eles deviam morar junto um tempo. Eu acho que o casamento é importante, a vida a dois é muito importante. É um outro... é um ‘up’, que você dá na relação, você descobre coisas riquíssimas, né. É muito agradável, fazer coisas a dois é muito agradável.”.(M7)

“Então, eu acho que tem que conhecer mais tempo, tem que NAMORAR mais tempo, tem que morar junto, sabe, porque... tem que conhecer muito a pessoa. É muito difícil, porque quando você começa a dividir escova de dente, o cara com dor de barriga, você acordando junto, não sei o que, não sei o que... conta de luz, empregada e tal... Se você não conhece bem a pessoa, você perde... perde o glamour e eu sempre fui uma pessoa assim, eu senti muita falta, depois dos sete primeiros anos do glamour, da fantasia, do romantismo...” (M8)

Assim como Roudinesco (2003), uma entrevistada salientou a importância do casamento e da família no sentido de amparar psicologicamente o sujeito. De tal modo que, ao casar, pertencemos a alguém e, depois de um tempo, pertencemos a uma família. Ambos fornecem uma identidade para o indivíduo ser e existir, o que é muito valorizado atualmente, já que vivemos numa sociedade marcada por um individualismo extremo, conforme vimos anteriormente (Singly, 2007).

“Ela (a filha) tá casada, eu dou a maior força, eu acho que... tem que mais é que fazer tudo que eu fiz (risos)! Assim, em termos de construir, ter uma relação estável, construir família, ter uma história afetiva cúmplice, amorosa... (...) Eu valorizo MUITO, muito, eu acho legal você ter família atrás. Eu acho que nesse mundo louco, o que a gente vive de tanto desamparo, eu acho que a família é um grande esteio... Eu acho que aí entra o casamento como uma interface dessa coisa familiar e como eu te disse, eu tive uma vida assim, vamos dizer (risos), é intensa, mas eu tive uma vida conjugal muito feliz. (...) Sabe, eu fico assim, ‘Ai que BOM!’ Que bom que eu tive. Então, qual o meu conselho? Eu acho bacana, eu acho que tem mais é que ter essa vivência assim, morar junto, casar no papel já é secundário, mas eu digo, morar junto, dividir...” (M9)